ISSN 2359-053x

ANO 7 - NÚMERO 87 - JAN 2022

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

PEREGRINOS DO ALVORECER

p. 08

BIODIVERSIDADE
Sabiá-castanha
p. 15

SAGRADO INDÍGENA
A Lua, segundo o povo Ashaninka
p. 24

SUSTENTABILIDADE
Passos para derrotar o fascismo e a política do ódio
p. 46

Nossa história é com os bancários, com você e pelo Brasil!

Por uma Caixa Econômica Federal 100% pública, forte e social!

SAIBA MAIS ACESSANDO O SITE **WWW.FENAE.ORG.BR** E FAÇA PARTE DESSE MOVIMENTO

OU APONTE A CÂMERA PARA O QR CODE AO LADO

FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

> **Que o entusiasmo conserve vivas suas molas, e possa enfim o ferro comer a ferrugem, o sim comer o não.**

João Cabral de Melo Neto, Cartão de Natal – 1994

COLABORADORES/AS - JANEIRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Carol Proner –** Professora. **Clarice Lispector** *(in memoriam)* – Escritora. **Emir Bocchino –** Designer Gráfico. **Emir Sader –** Jornalista. **Frei Betto –** Escritor. **Frida Kahlo** *(in memoriam)* – Pintora. **Helho (Hélio Bueno) –** Ilustrador. **Iêda Leal de Souza –** Professora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora. **Janaina Faustino –** Gestora ambiental. **José Ribamar Bessa Freire –** Professor. **Kleytton Morais –** Dirigente Sindical. **Leonardo Boff –** Ecoteólogo. **Lúcia Resende –** Professora. **Mabel Velloso –** Escritora. **Manuela Carneiro da Cunha –** Antropóloga. **Maria Fernanda Ribeiro –** Jornalista. **Mauro Barbosa de Almeida –** Antropólogo. **Nani (Ernani Diniz Lucas) –** Humorista *(in memoriam).* **Pedro Tierra – Poeta. Reinaldo Filho Bueno – Escritor. Wagner G. Bandeira – Escritor.Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. **Zezé Weiss –** Jornalista. **Agamenon Torres Viana –** Sindicalista. **Ailton Krenak –** Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Ana Paula Sabino –** Jornalista. **Andrea Matos –** Sindicalista. **Ângela Mendes –** Ambientalista. **Antenor Pinheiro –** Jornalista. **Cleiton Silva –** Sindicalista. **Elson Martins –** Jornalista. **Emir Sader –** Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues –** Advogado. **Graça Fleury –** Socióloga. **Iêda Leal –** Educadora. **Iolanda Rocha -** Professora. **Jacy Afonso –** Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira –** Sindicalista. **Júlia Feitoza Dias –** Historiadora. **Kleitton Morais –** Sindicalista. **Kretã Kaingang -** Líder Indígena. **Lucélia Santos –** Atriz. **Maria Maia -** Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima –** Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto -** Diplomata. **Trajano Jardim –** Jornalista.

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Neste Janeiro molhado, trazemos pra você, logo na capa, a história dos "Peregrinos do Alvorecer", os primeiros seres humanos que se abancaram aqui por estas terras de Cerrado da região central do Brasil.

Em seu texto primoroso, o professor Altair Sales Barbosa, nosso conselheiro e parceiro desde a segunda edição da Revista Xapuri, conta a história emocionante e cheia de lições de vida do alvorecer das primeiras gerações de cerratenses no "Jardim das Plantas Tortas", o paraíso deslumbrante que lhes tocou descortinar. Uma matéria pra ler de uma sentada só!

Para este ano novo de muitos desafios, seguimos com a mesma linha editorial, falando de Lula, da conjuntura nacional, e mantendo a resistência na luta para conter o fascismo. Há razões para esperançar e nós apostamos na vitória delas.

Continuamos com nossa pauta da Consciência Negra, do Sagrado Indígena, da Questão Agrária e, claro, da Sustentabilidade. Manteremos, também, as favoritas de você que nos lê: a Gastronomia, a Literatura, os Mitos e Lendas, as Memórias e o Universo Feminino. Buscaremos, cada vez mais, fazer uma revista linda e diversa para informar, entreter e engajar você. Simbora?

Feliz 2022!

Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Agradeço pelo cartão de Ano Novo, desejo o mesmo para vocês e que continuem realizando esse trabalho tão importante!
Patrícia Doyle - Brasília - DF

Que o novo ano seja de muitas conquistas para a equipe da Xapuri. Abraços.
Mariana Nepomuceno - São Carlos - SP

Parabéns pelo trabalho desenvolvido em 2021 e que 2022 seja um anode muitas conquistas para todos e todas da equipe Xapuri.
João Paulo Prado - Jataí - GO

Para 2022, desejo que vocês continuem realizando esse trabalho tão importante!
Patrícia Doyle – Brasília – DF

Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri
@rafael_h.franca

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

08 **CAPA**
Peregrinos do alvorecer

20 **FEMINISMO**
Eu te céu

15 **BIODIVERSIDADE**
Sabiá-castanha

21 **LITERATURA**
O porto submerso

18 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Ampliar nosso olhar para todos os lados

22 **CONJUNTURA**
Lula 13, o anti-Bolsonaro

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 **SAGRADO INDÍGENA**
A Lua, segundo o povo Ashaninka

26 **SOLIDARIEDADE**
O herói de Itabuna

28 **GASTRONOMIA**
Chuchu de capote

29 **AMAZÔNIA**
Risco de extermínio: pandemia e governo do inominável ameaçam indígenas isolados

32 **MEMÓRIA**
Eny Raimundo Moreira: a advogada que enfrentou a ditadura militar

36 **MEDICINA INDÍGENA**
Doutora Zeneida: as encantarias de uma pajé

39 **HISTÓRIA SOCIAL**
Cabeças

40 **MITOS E LENDAS**
Inaiê, Dandalunda, Rainha do mar. Nossa mãe Yemanjá. Odó Yiá!

42 **QUESTÃO AGRÁRIA**
Os grileiros chegaram de repente

46 **SUSTENTABILIDADE**
Passos para derrotar o fascismo e a política do ódio

48 **POLÍTICA**
Dupla ressaca de *Réveillon*

49 **UNIVERSO FEMININO**
Para não "bobear"

Foto: divulgação

PEREGRINOS DO ALVORECER

Altair Sales Barbosa

Esta narrativa começa com a história do povoamento humano no centro da América do Sul, que tem seu início por volta de 12.000 A.P. Naquela época, muitas paisagens que hoje caracterizam o Continente Americano, e a América do Sul em particular, ainda não existiam na forma que se apresentam hoje.

O planeta Terra estava vivendo a fase final da glaciação Pleistocênica. Havia muita turbulência. As correntes oceânicas possuíam raios de abrangência, diferentes dos atuais, que refletiam de forma decisiva nas correntes atmosféricas e que, aos poucos, foram modelando as paisagens continentais, distribuindo tipos climáticos por todos os cantos do continente, consolidando alguns biomas e modificando drasticamente outros. Era a aurora de uma nova época, conhecida como Holoceno.

O planeta estava se aquecendo. As geleiras do Ártico despencavam em blocos sobre o mar ou provocavam, pelas correntes de águas derretidas, sulcos medonhos no interior dos continentes.

O nível do mar estava subindo e tomando lentamente as partes expostas do que hoje constitui as plataformas continentais. Havia uma lenta subida do nível das águas oceânicas, que proporcionava o represamento dos cursos d'água interiores. Com isso, a mecânica dos rios foi mudando, transformando esses cursos d'água menos velozes e mais largos, brindando oportunidades para a formação de planícies e lagoas marginais.

A temperatura, entretanto, era mais baixa que os padrões atuais. Os ventos de junho e julho provocavam as friagens na parte central da América do Sul, um fenômeno tão forte que causava muitas mudanças de comportamento na fauna nativa.

Por falar em fauna nativa, nessa época ainda existiam nos chapadões centrais da América do Sul elefantes, conhecidos como *Haplomastodon;* preguiças gigantes, conhecidas como *Eremotherium;* tatus gigantes, conhecidos como Gliptodontes, e tantos outros gigantes que compunham a megafauna da América do Sul.

Perseguindo esses animais, existia um grande carniceiro, oriundo da América do Norte, conhecido pelo nome popular de tigre-dentes-de-sabre, grande felino do gênero *Smilodon*. Ao lado desses animais, uma fauna variada de médio e pequeno porte partilhava seus nichos e ecossistemas. Alguns desses animais de médio e pequeno porte conseguiram sobreviver até os dias atuais.

O Cerrado, com os seus diversos ambientes, já existia em toda a sua plenitude e servia de acolhida como uma manjedoura de palha para toda a diversidade de fauna, desde os mamíferos até os pequenos insetos polinizadores.

Foi nesse cenário que os primeiros seres humanos chegaram ao interior da América do Sul.

PEREGRINOS DO ALVORECER

Tratava-se de um grupo pequeno, composto de quatro a cinco famílias nucleares, tendo, ao todo, de dezoito a vinte pessoas, incluindo crianças. Pelo que se conhece acerca do comportamento dos grupos caçadores e coletores, essa população chegou ao alvorecer.

Certamente veio "verediando" pelo alcantilado de alguma serra, atraída pelo aroma dos cajuís. A época correspondia, no calendário atual, ao que deveria ser final de setembro. A claridade já permitia a visão de um céu azulado e uma brisa temperada tal qual um manto de algodão cobria de calor aqueles corpos maquiados com cinzas.

Enquanto o sol ia irradiando seu clarão, aquela gente pôde enxergar um pequeno córrego de águas límpidas. Mais ao longe, se descortinaram as brumas brancas de uma pequena cachoeira. Bem próximo, uma lagoa e, mais distante, um rio de águas correntes parecia indicar que ainda existiam outros caminhos.

O dia foi-se evidenciando e, à medida que isso se concretizava, os animais de hábitos herbívoros se aglomeravam para deliciar o gosto meio adocicado dos brotos novos das gramíneas que surgiam como um tapete, esverdeando o solo escuro, chamuscado pela última queimada.

Juntos estavam também animais insetívoros, que se banqueteavam ao redor dos cupinzeiros. Ao largo, na espreita, estavam camuflados os carnívoros, esperando apenas um vacilo para agarrar sua presa.

Aqueles humanos se sentiam quase que alucinados diante de tal abundância. Ao olharem mais adiante, avistaram a testa esbranquiçada de um paredão de arenito. Sua intuição os conduziu ao local. Ali encontraram vários abrigos naturais. Nos taludes desses, mas embaixo, sempre havia uma mina d'água de excelente qualidade. Talvez o sonho do paraíso estivesse naquele momento se concretizando. O local foi batizado com o nome Jardins da Plantas Tortas, e assim tornou-se conhecido.

A tarde foi chegando e a revoada de mariposas e tanajuras era a festa para muitas aves. Os homens daquele grupo acamparam no abrigo. Providenciaram uma fogueira, reconheceram melhor o ambiente, escolheram os locais mais protegidos para as crianças e se distribuíram pelo abrigo de pedra, conforme suas conveniências. E ali permaneceram.

Também existia uma profusão de meliponíneas, abelhas sem ferrão, que recheavam as cavidades dos paredões, das árvores ou do solo, com seus deliciosos potes de mel.

Os descobridores do Jardim das Plantas Tortas tinham à sua disposição proteína animal, vitaminas diversas, oriundas dos variados frutos, e açúcares, provenientes da coleta do mel silvestre. Sua dieta ainda era complementada pela cata de ovos e pelo consumo de alguns insetos ou de suas larvas. A sobrevivência era ainda presenteada com espécies lenhosas para as fogueiras e com

Foto: divulgação

Foto: divulgação

uma variedade de matéria-prima mineral, que utilizavam para fabricar instrumentos.

Não se sabe ao certo se os Peregrinos do Alvorecer usavam algum tipo de vestimenta. Entretanto, como a temperatura era ligeiramente mais fria do que a atual, é de se supor a existência de algum agasalho, confeccionado com couro, principalmente de cervídeos, que lhes servia de proteção contra as friagens. Além do mais, seu grande arsenal de ferramentas de pedras mais bem trabalhadas ressalta a presença maciça de raspadores encontrados com marcas de sangue, sugerindo uma associação com o preparo do couro.

Quanto à temperatura ambiente, embora fosse um pouco mais baixa que os padrões atuais, não havia excessos, isto é, nem frio nem calor muito intensos, a não ser em poucos dias do ano. As chuvas se distribuíam de acordo com os padrões atuais. Os estudos da estratigrafia em abrigos e fora deles revelam uma estação seca, outra chuvosa.

O que se pode concluir dessas inúmeras observações é que os efeitos do final da Era Glacial, tão marcantes em outras partes do planeta, não chegaram a causar modificações bruscas nos chapadões do centro da América do Sul, ocupados pelas vastidões de variedades dos cerrados.

NOVAS LEVAS DE POVOADORES

Imediatamente após a chegada das primeiras hordas de povoadores ao centro da América do Sul, outros bandos começaram a habitar a área. Para evitar conflitos territoriais, cada clã, se assim pode-se caracterizar o sistema de organização social desses grupos, procurava ocupar nichos específicos, com uma distância razoável onde houvesse recursos para a sobrevivência de cada grupo. Essa distância situava, em média, 150 km, que variava de acordo com as condições oferecidas pelo ambiente físico e biótico.

O isolamento entre os grupos não era totalmente definitivo. Vez por outra havia encontros visando à prática de algum ritual, e certamente encontros menores ocorriam quando da exploração de algum tipo de matéria-prima mineral.

O fato é que, rapidamente, uma área de dois milhões de quilômetros quadrados do Brasil Central foi ocupada em nichos específicos por essas populações, desde terras de Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Bahia, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, até alguns tabuleiros da chapada do Araripe, do sul do Ceará até Pernambuco.

Outro dado impressionante a ressaltar é que esses grupos visitaram, em toda a extensão de terras, cada local onde quer que existisse afloramento de matéria-prima mineral para a confecção de ferramentas e lascas. A impressão que se tem tem é que eles colocaram suas mãos em quase todos os fragmentos de rochas, pois a maioria apresenta sinais de lascamento.

É claro que esses afloramentos foram utilizados por sucessivas gerações, mas também é evidente que os grupos que mais os exploraram foram os criadores da Tradição lítica denomidada Itaparica.

Fazendo uma tênue relação com a etnologia, é possível afirmar que esses grupos de povoadores iniciais eram parentes próximos que falavam uma única língua, caracterizada mais tarde pelos linguistas como Tronco Macro-Jê.

As diferenças regionais que surgiram pelo isolamento e pelo desejo de uma identidade própria foram certamente a causa principal da diferenciação linguística entre os diversos grupos Macro-Jê que conseguiram sobreviver até os tempos históricos.

A TRADIÇÃO ITAPARICA

A revisão da Pré-História da América do Sul revela a existência, em períodos anteriores ao povoamento do interior do Brasil, de um horizonte cultural que atuava em áreas de savanas e outras formações abertas.

Esse horizonte estava estabelecido em espaços ao leste dos Andes, ou próximas a essa orientação, e quase à borda da área nuclear de vegetação de cerrado dos chapadões baixos da Amazônia.

Esse horizonte, conhecido como "Horizonte Descontínuo das Savanas e Formações Xenófilas", ocorre em forma não homogênea, desde aproximadamente 15.000 anos A.P. até 12.000 anos A.P.

Suas principais categorias espaciais são representadas por El Abra, Ayacucho e Guitarrero I, que englobam um conjunto de complexos culturais similares, caracterizados por uma organização social baseada na coleta e na caça, em que os animais de grande porte, atualmente extintos, constituíam uma alternativa significante.

Entre esses animais destacam-se *Haplomastodon, Equus e Mastodonte* (em Tibitó I) e *Scelidhoterium, Megatherium, Palaelama* e Cavalo americano (em Ayacucho), além de outras formas similares em Guitarrero I.

A observação sobre a formação desse horizonte e sua configuração espacial e temporal demontra uma fase de implantação situada entre 15.000 e 14.000 anos A.P., seguida pela fragmentação de algumas áreas, provocada por migrações para o Leste, que caracteriza o período de 13.000 a 12.000 anos A.P. A partir dessa época, a principal área cultural ainda habitada nas savanas colombianas fragmenta-se, propiciando migrações para o interior do continente.

O desaparecimento desse horizonte coincide com uma época de grande instabilidade climática, que

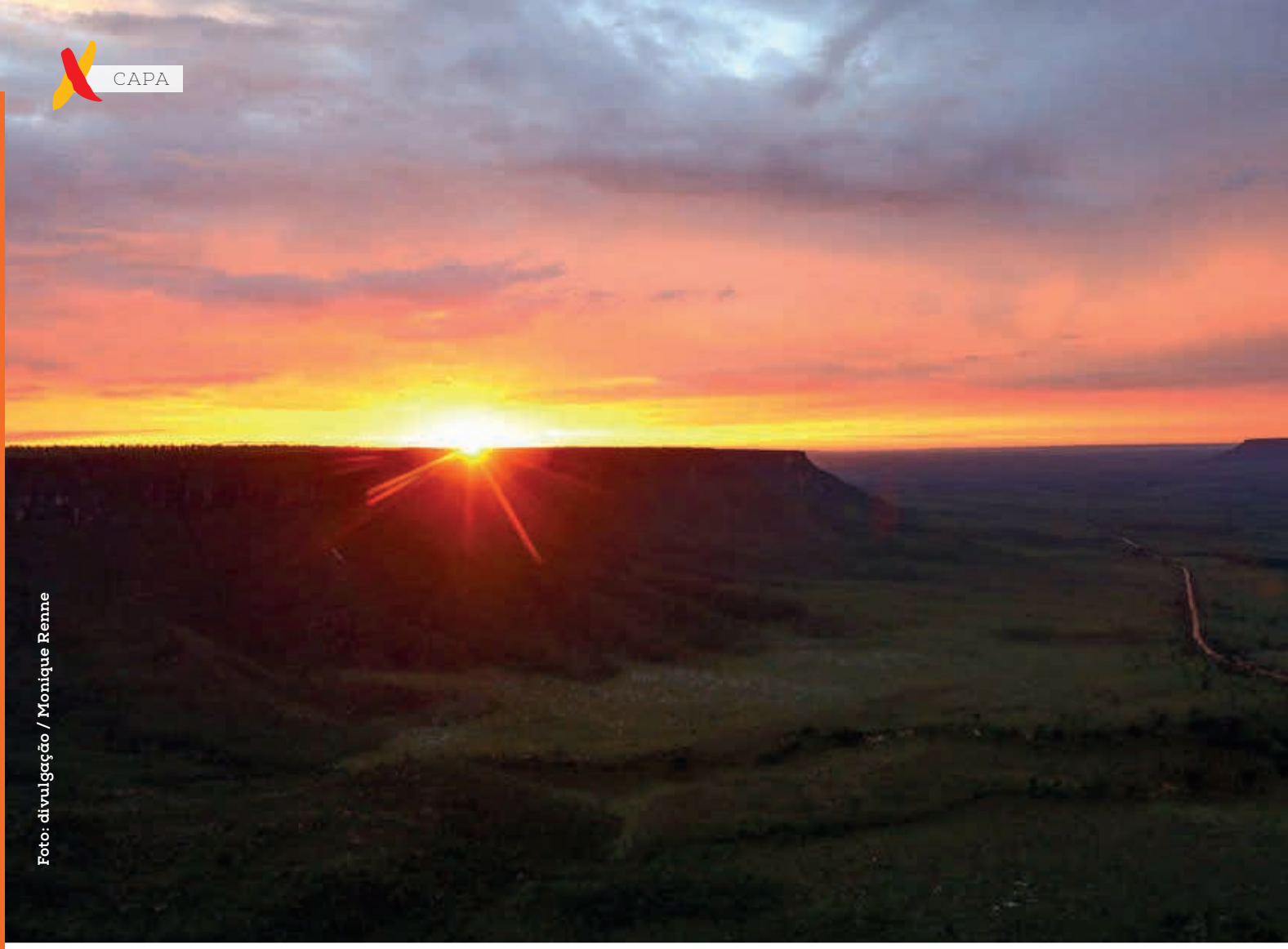


Foto: divulgação / Monique Renne

marca o limite entre o Pleistoceno e o Holoceno. Coincide também com o avanço das áreas florestadas sobre áreas de caatinga nas depressões, e áreas de cerrado, nos baixos platôs da Amazônia.

Essas mudanças significativas do ambiente e seus reflexos certamente intuem nas populações humanas aí estabelecidas a necessidade de buscar novas alternativas e planejamento de subsistência, o que implica novos arranjos sociais.

Esse fenômeno não parece ser exclusivo das populações que constituíam esse horizonte. Ao contrário, a revisão da Pré-História do continente apresenta intensos movimentos ocorridos nessa época nas áreas povoadas do Oeste.

Esse período coincide também com o agravamento de um processo de drástico empobrecimento qualitativo e quantitativo, representado por uma grande extinção da biomassa animal.

Por volta de 12.000 A.P., os ecossistemas tropicais já se mostravam bastante alterados em relação à composição faunística. No caso das áreas tropicais situadas entre os Andes e a área "core" do Cerrado, ainda presente nos baixos chapadões da Amazônia, essa fauna de gigantes já se encontrava bastante reduzida, quase totalmente extinta nesse período ou, quando muito, em torno de 11.000 anos A.P.

O rareamento da biomassa de megafauna afetou a subsistência de agrupamentos humanos, impulsionando estes à busca de novas alternativas e a desenvolverem novos mecanismos de subsistência. Um dos pontos de convergência, e talvez o mais importante, era constituído pelas áreas de vegetação de cerrado, já bastante reduzidas, mas ainda existentes à época nos baixos platôs amazônicos, configurando-se na forma de faixas estreitas que se conectavam com a grande área "core" dos chapadões centrais do Brasil.

Nesse ambiente, a concentração de recursos vegetais, associada a uma grande porcentagem de biomassa animal, representada por animais de pequeno e médio porte, constitui-se uma fonte alternativa de singular importância para essas populações que, lentamente, aperfeiçoam um sistema de coleta e caça generalizada.

A revisão da Paleontologia do continente, englobando o período situado entre o Pleistoceno Superior e o Holoceno Inicial, demonsta que

alguns domínios ou sistemas biogeográficos se apresentam como fenômenos recentes e que esse período é marcado por grandes transformações, que representam uma revolução na composição biogeográfica do continente.

Os inúmeros estudos sobre Paleontologia do continente referentes àquele período comprovam essa afirmação e evidenciam a existência de grandes áreas de vegetação aberta, onde hoje ocorre a floresta úmida amazônica. Essas áreas de vegetação aberta eram caracterizadas pela ocorrência de caatinga nas depressões, e de cerrado, nas partes mais elevadas.

Esses mesmos estudos evidenciam também que o Sistema do Cerrado dos chapadões centrais do Brasil foi o menos afetado pelas oscilações do Pleistocento Superior e Holoceno Inicial. A essas observações acrescentam-se observações biológicas, a partir principalmente de estudos de Haffer (1969), Vanzolini (1970) e Brown (1977).

Após estudos de algumas espécies de aves da região amazônica, Haffer (1969) postula que, várias vezes durante o Quaternário, a floresta úmida tinha sido reduzida a manchas concentradas nos locais de maior umidade, que ele denomina de refúgios, separados entre si por formações abertas.

Essa situação, segundo o autor, provocou o isolamento, às vezes longo, de populaçoes interatuantes da fauna selvática, agindo, assim, para a diferenciação em raças, subespécies ou até espécies completas.

O autor afirma que esse arranjo paisagístico brindou oportunidades para que a fauna não selvática pudesse expandir desde o Sul até as terras baixas, atravessando-as. Populações reliquituais em parques de savanas isoladas, especialmente no interior da área antes denominada Guianas e entre alguns tributários meridionais do Amazonas, testemunham uma antiga continuidade da vegetação aberta, tendo essa configuração influenciado nas áreas de dispersão.

Enquanto Haffer constatava a ocorrência de flutuações climáticas e de mudanças no quadro da paisagem vegetal, baseado nos padrões de distribuição das aves, Vanzolini (1970) chegava a uma conclusão similar, analisando a variedade e o grau de diferenciação exibidos por dois gêneros de largartos selváticos: *Coleodactylus* e *Anolis*.

Esse autor acredita que o padrão de diferenciação das espécies desses gêneros só pode ser explicado mediante a aceitação da ocorrência de significatias alterações climáticas na Amazônia, capazes de afetar os quadros vegetais.

Na mesma linha, seguem as conclusões de Browm Jr. (1977), a partir de estudos da biogeografia de algumas espécies de borboletas neotropicais, em que o autor demonstra haver forte relação entre os centros de distribuição e a evolução de algumas espécies e subespécies, com fatores ligados à evolução das paisagens, especialmente na Amazônia, durante o Pleisoceno e o Holoceno.

Com base em seus estudos – observações de clima, topografia e solo –, Brown Jr. afirma que os sistemas ecológicos das florestas tropicais, distintos genericamente e taxonomicamente dos sistemas vizinhos e coevoluídos em escala regional, sofreram uma influência bastante clara e forte do longo período paleoecológico frio e seco que caracteriza a última época glacial. Ele afirma ainda que sua relativa viscosidade permitiu a retenção de padrões regionais derivados dessa época até o presente.

Importantes correlações de Meggers (1976), tomando, dentre outras categorias, a linguística, vêm complementar ainda mais esse panorama, são fundamentais no conhecimento da Tradição Itaparica, possibilitando a formulação de hipóteses e abrindo um grande leque de possibilidades até então desapercebidas no processo de seu estudo.

Tomando a classificação proposta por Greenberg (1960), que combina todas as línguas sul-americanas em quatro troncos ancestrais e comparando as localizações dos grupos associados ao Jê-Pano-Caribe com os mapas dos refúgios, ela sugere que a dispersão teve lugar durante o período mais antigo da redução da floresta.

De fato, as rotas postuladas por Haffer para a intrusão da fauna não selvática na Amazônia, desde os ambientes abertos do Sul, passam próximos ou através das áreas ocupadas pelos falantes de línguas pertencentes a esse tronco.

Se essa correlação é válida, isso implica que a reconstituição da selva, há uns 10.000 anos A.P., introduziu no centro da Amazônia uma cunha ecológica que isolou os grupos do Norte e do Sul durante um tempo suficiente para permitir a diferenciação do Jê-Pano-Caribe em subfamílias (Meggers, 1976).

Quando o período de aridez retorna ao seu processo final e a floresta úmida começa a avançar sobre as formações abertas, fazendo com que essas se retraiam e com que o Cerrado inicie um processo de regressão à sua área "core", provavelmente também algumas populações humanas aí situadas, em sua maior parte associadas a esse tronco linguístico ancestral (Jê-Pano-Caribe), tenham acompanhado essa regressão e se instalado na área "core" do Cerrado onde, nos períodos imediatamente posteriores, atingem um clímax adaptativo.

A grande homogeneidade linguística que caracteriza a parte central do Brasil com um grande domínio de línguas Jê, estritamente relacionado com as formações abertas, apoia essa situação.

Se se cruzam esses dados com os dos períodos de maior diversificação das línguas sul-americanas,

estimadas mediante glotocronologia (segundo Greenberg, 1960; Noble, 1965; Rodrigues, 1958), constata-se que esse movimento que motiva uma diversificação linguística culmina com a formação de alguns troncos atuais, entre eles o Macro-Jê, num período situado ao redor de 10.000 anos A.P., isto é, o mesmo período em que também atinge o clímax a Tradição Itaparica.

A tentativa de uma projeção em direção a épocas mais recentes, tendo como base dados de arqueologia e etnografia, evidencia que a vegetação do Cerrado constitui elemento fundamental para essas sociedades Jê do Planalto, sobre a qual exercem um controle rigoroso e demonstram grande conhecimento, embora tenha havido significativas mudanças tecnológicas no decorrer do tempo.

Se essas correlações estiverem corretas, é de se supor que, embora os requisitos preliminares da Tradição Itaparica já devam existir mais para Oeste nos corredores e enclaves de cerrado, existentes num período anterior a 11.000 anos A.P., é na área "core" do Cerrado dos chapadões centrais do Brasil que essa Tradiçao adquire suas feições mais típicas e seus caracteres morfológicos e tecnológicos.

Portanto, ela não chega nessa área completa, mas aí se completa quando atinge seu apogeu por volta de 10.000 anos A.P. Também é de se supor a existência de estreitas relações entre essa Tradição Arqueológica e os processos de formação do Tronco Linguístico Macro-Jê.

Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis.

Foto: divulgação

Foto: divulgação

SABIÁ-CASTANHA

Helho e Nani

Sabiá na gaiola
Sem crime e sem perdão
Fuja, Sabiá, serre a grade da gaiola
Vou colocar uma serra dentro do seu mamão.

Sabiá-castanha – Seu nome científico é *Myadestes leucogenys*. Ele mede 21 cm e pesa 51 gramas. Alimenta-se de frutos e pequenos animais. Ocorre nas matas das serras da Bahia e do Espírito Santo. Os contínuos desmatamentos e a caça colocam essa espécie em sério risco de extinção.

Helho (Hélio Bueno), ilustrador e escritor, em Desextinção, Fundação Rio-Zoo – Thex Editora, 1997.

Nani (Ernani Diniz Lucas), humorista e escritor, em *Desextinção*, Fundação Rio-Zoo – Thex Editora, 1997. Faleceu em 08/10/2021, vítima da Covid-19.

RAZÕES PARA ESPERANÇAR

Kleytton Morais

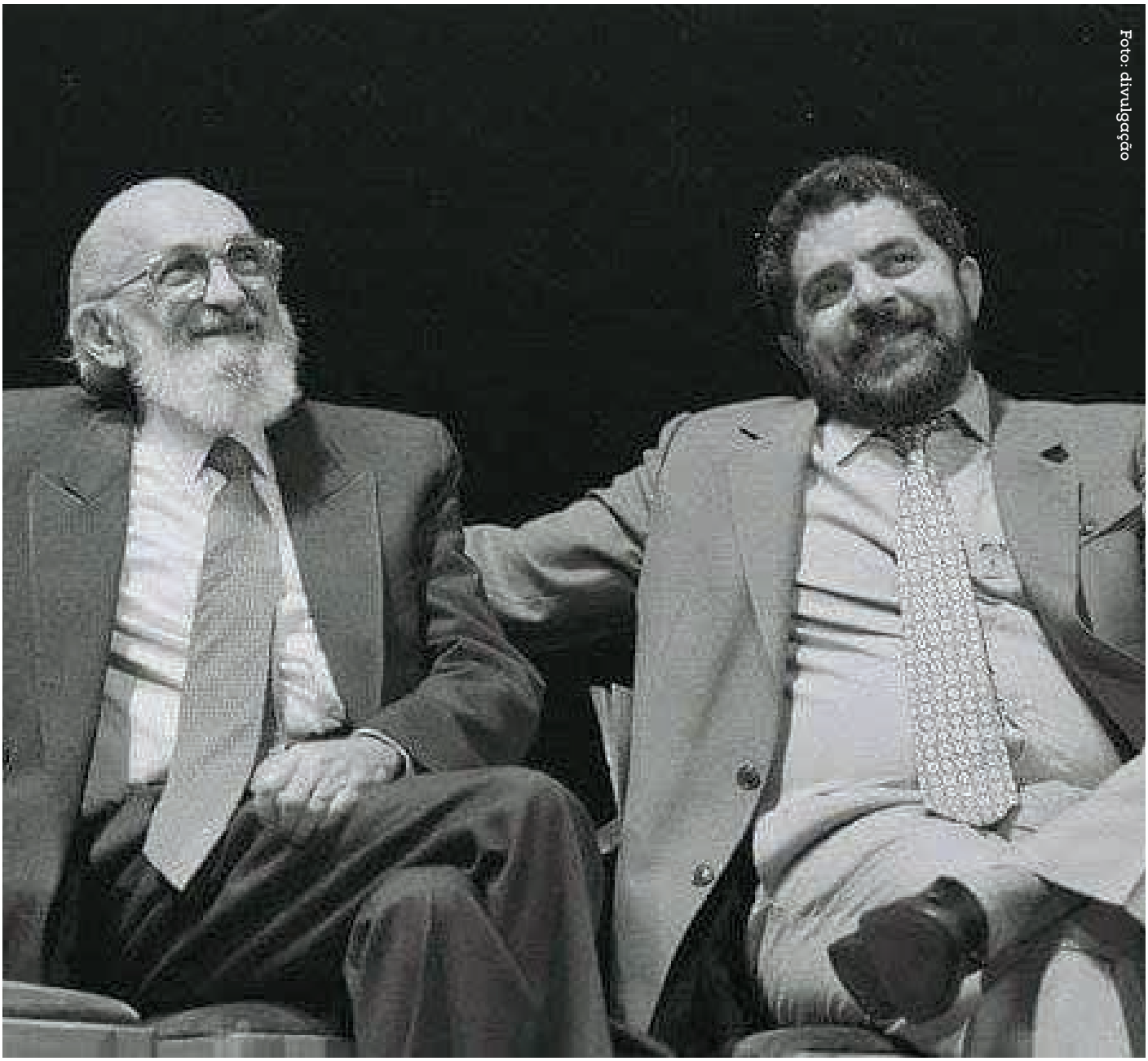


Foto: divulgação

"É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,
esperançar é construir, esperançar é não desistir!
Esperançar é levar adiante,
esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo..."

Paulo Freire

Depois do ano dos infernos que foi 2021, o Brasil tem por diante um tempo turbulento em 2022. Além da pandemia, que ainda não acabou, janeiro começa com parte do país debaixo d'água, a economia em frangalhos, o desemprego em alta e 20 milhões de pessoas, literalmente, passando fome. Não é um cenário bonito.

Ao contrário, somando-se as crises econômica, sanitária e climática ao desmantelo das políticas públicas, ao isolamento internacional e ao desatino cotidiano do mandatário de turno, ninguém precisa ter bola de cristal para saber que o que vem pela frente é muita tranqueira.

Temos, em outubro, eleições majoritárias para presidente, parlamentares federais e parte da tropa de choque do Senado. Nenhuma ilusão: vem aí (na verdade, já começou) uma guerra violenta, podre e suja, com previsíveis ataques de fake news, inusitados incidentes tipo "fakeada" e novas tentativas de golpe, antes e depois da eventual derrota nas urnas do presidente atual.

Apavorado com a queda de popularidade e a rejeição astronômica nas pesquisas de opinião, o presidente estrebucha, vende a alma ao Centrão, inventa programas eleitoreiros e, quando a coisa parece desandar de vez, usa o recurso manjado das internações pós-festa por novas obstruções intestinais.

Pra completar, com um Fundo Eleitoral de 5,7 bilhões de reais, boa parte indo para o partido do mandatário, e mais 16 bilhões no orçamento secreto, sob controle governista no Congresso e o inesgotável arsenal de sete-mentiras-daia, o presidente tem suas armas, e não são poucas.

Mas há razões para esperançar. O povo brasileiro parece estar pronto para se redimir da escolha catastrófica que fez nas eleições de 2018. O favoritismo incontestável de Lula no mosaico eleitoral mostra uma nação disposta a fazer a sua parte para tirar o Brasil do fundo do poço. "Há um Luiz no fim do túnel", clama um dos memes massificados nas redes sociais.

É um bom começo para quem precisa pensar na reconstrução de um país devastado pela inoperância criminosa do negacionismo. O Brasil parece querer, em 2022, virar a página dessa gestão nefasta que permitiu a morte desnecessária de mais de 600 mil pessoas pela Covid-19.

O Brasil parece querer investir em um governo disposto a enfrentar a crise climática, a reconstruir as políticas públicas, a reconquistar o prestígio internacional e, sobretudo, a combater a fome, o desemprego e a estagnação da economia.

Esperançar nesta conjuntura significa construir as propostas que poderão fazer, no terceiro mandato de Lula, um Brasil energeticamente limpo, livre da miséria e da fome, com florestas protegidas, com rios despoluídos, com uma Reforma Agrária efetiva, com todas as Terras Indígenas demarcadas e com ocupação, emprego e renda para milhões de brasileiros e brasileiras que se encontram jogados à própria sorte no desgoverno do presidente Bolsonaro.

O Sindicato dos Bancários e das Bancárias de Brasília está pronto para cerrar fileiras com Lula e com todos os setores progressistas da sociedade brasileira na luta por um "Brasil Feliz de Novo" para os trabalhadores, para as trabalhadoras e para todo o povo brasileiro.

Feliz Dois Mil e Lula!

Kleytton Morais - Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO
MNU
ANU
NTO NEGRO UNIFICADO
CISMO É CRIME!
UJC
CUT

AMPLIAR NOSSO OLHAR PARA TODOS OS LADOS

Iêda Leal

Precisamos ampliar nossa visão e, ao mesmo tempo, enxergar os (as) inimigos (as). Para que possamos reagir com a certeza de que o trabalho deve ser para eliminá-los (as) da gestão pública e revelar para o mundo que continuamos reverenciando nossos ancestrais, na luta pela nossa pátria. Temos um governo federal golpista que se espalha pelo país, que replica o racismo, machismo, a LGBTfobia e todas as outras formas de discriminação contra nossa população. É uma ação Genocida. Nós sabemos disso e estamos denunciando a todo instante e só pararemos com o fim desse governo.

Precisamos ampliar nossa visão e, ao mesmo tempo, enxergar os (as) inimigos (as). Para que possamos reagir com a certeza de que o trabalho deve ser para eliminá-los (as) da gestão pública e revelar para o mundo que continuamos reverenciando nossos ancestrais, na luta pela nossa pátria. Temos um governo federal golpista que se espalha pelo país, que replica o racismo, machismo, a LGBTfobia e todas as outras formas de discriminação contra nossa população. É uma ação Genocida. Nós sabemos disso e estamos denunciando a todo instante e só pararemos com o fim desse governo.

Um governo que retira os direitos dos (as) trabalhadores (as), das mulheres, dos (as) negros (as), dos gays, das lésbicas, dos indígenas, dos quilombolas. Não é um governo sério. O país está, hoje, nas mãos de pessoas que estão preparadas para destruir os seres humanos. NÃO PODEMOS CONFIAR! Nós temos que, além de ampliar o nosso olhar, nos organizarmos coletivamente para a luta diária do fortalecimento daquilo que nós aprendemos com os nossos mais velhos(as): defender os ideais de liberdade e de justiça.

O afeto é importante e fundamental como já nos disse bell hooks, mas as consciências políticas das nossas ações no dia a dia darão a justeza da participação na luta.

Viver e Lutar contra essa política negacionista de morte do governo Bolsonaro deve ser o nosso maior pacto. Anunciar, diariamente, para o mundo que este é o pior governo que o Brasil já teve, uma vergonha, vergonha internacional. Mas nós vamos, juntas, juntos, juntes, fazer a diferença, porque nós queremos o nosso país de volta.

Que tenhamos resistência e a consciência de onde nós estamos e por que nós continuamos lutando. Somos a favor da vida de todes. Não é só pelo amor, mas pela consciência política da nossa resistência secular e pela cidadania.

Continuaremos respeitando o legado de Luiza Bairros, Lélia Gonzalez, Tereza de Benguela; Mariele Franco, Dandara, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Laudelina de Campos de Melo e Carolina de Jesus. Nesse sentido, junto com todas as mulheres do país e todas as pessoas que querem o Brasil melhor, nós faremos Palmares de novo. 2022 é o ano da grande revolução feminina negra neste país.

Resistir, lutar e não abrir mão dos nossos direitos. Janeiro é o mês de reafirmar nosso compromisso de luta em todos os cantos de Goiânia, de Goiás, do Brasil e do mundo.

Iêda Leal – Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiás.

EU TE CÉU

Frida Kahlo

"Pode-se inventar verbos?
Quero dizer-te um: Eu te céu.
Assim as minhas asas
estendem-se, enormes,
para amar-te sem medida..."

WWW.LOJAXAPURI.INFO

Frida Kahlo – Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (Coyoacán, 6/07/1907 – Coyoacán, 13/07/1954) – Pintora mexicana, libertária, conhecida por seus muitos retratos e autorretratos inspirados na natureza e na cultura do México.

Foto: divulgação

O PORTO SUBMERSO

Pedro Tierra

Um rio quando barragem
tem a espinha quebrada,
vira um rio paralítico
feito um animal vivo
que morreu só a metade:
a outra metade viva pulsando
solta, como veia aberta a foice...
Um rio quando barragem anoitece
as manhãs que cultivava...

Pedro Tierra – Poeta da Resistência, em *O Porto Submerso*, 1974.

LULA 13, O ANTI-BOLSONARO

Emir Sader

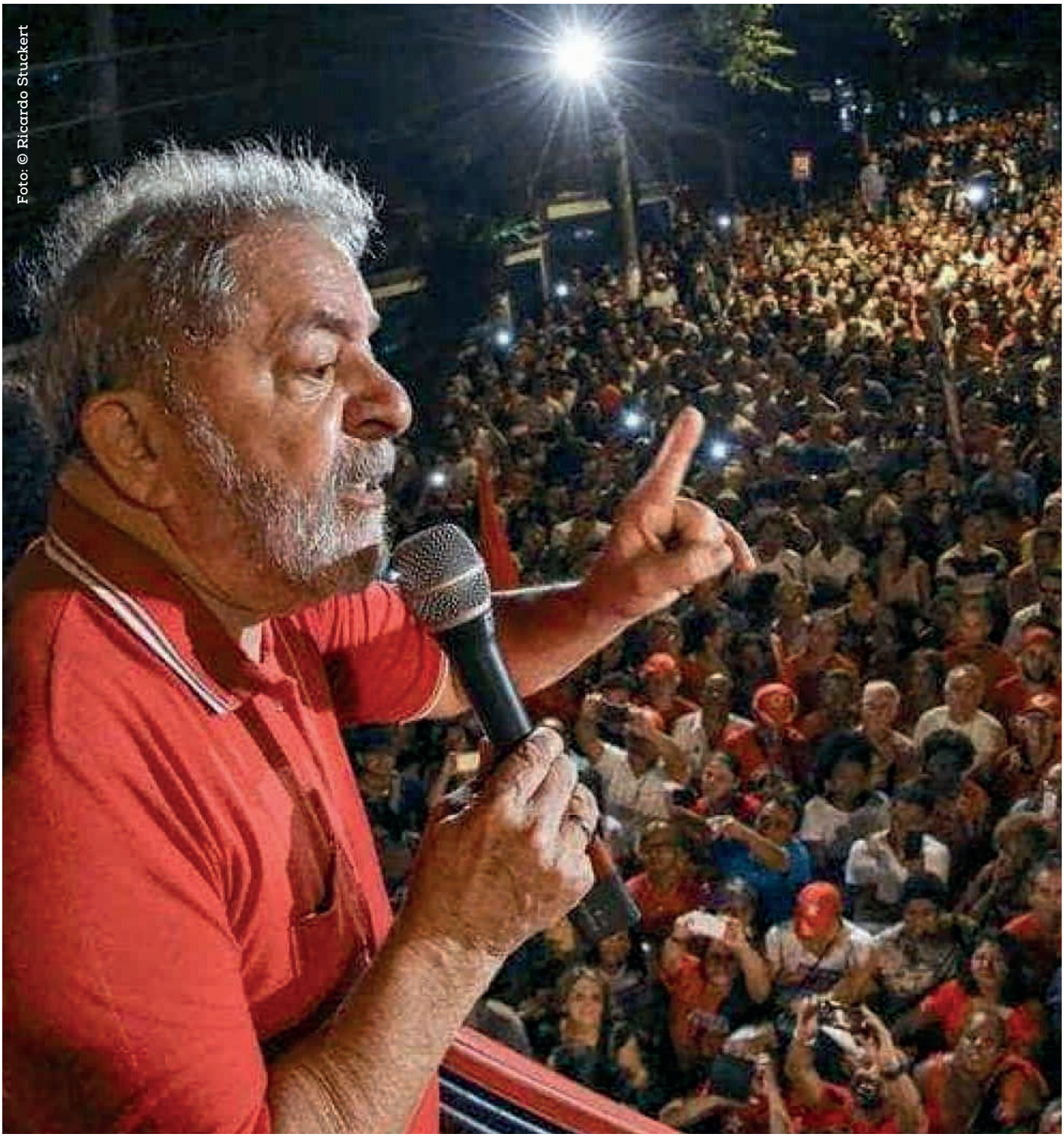


Foto: © Ricardo Stuckert

A tese da polarização entre Lula e Bolsonaro se baseia nas pesquisas, em que esses dois candidatos costumam somar cerca ou até mais de 80% das preferências dos eleitores. Sobrariam menos de 20% para os que pretendem ser terceiras vias. E a tendência à queda do apoio a Bolsonaro – que parece ter se estancado na casa dos 20 e poucos por cento – não se traduz em aumento do apoio àqueles candidatos à terceira via, mas em transferência de preferências para o Lula.

A tese de polarização tem assim um fundamento real. 4 de cada 5 brasileiros preferem hoje o Lula ou o Bolsonaro. Mas ela esconde uma série de contrabandos e é instrumentalizada de forma torpe para objetivos políticos outros.

Em primeiro lugar, não se trata de duas posições extremistas, de direita a do Bolsonaro, de esquerda a do Lula. Não há dúvida de que o Bolsonaro representa posições de extrema direita, que vieram para ficar no Brasil, mesmo enfraquecidas hoje e depois da derrota do Bolsonaro.

Mas o Lula não representa o pólo oposto, o de extrema esquerda. Lula governou o Brasil com medidas democráticas, no marco do respeito das instituições, convivendo democraticamente com os outros poderes da República, com a mídia – que o atacou, na sua grande maioria, o tempo todo – e com os adversários. Diminuiu drasticamente as desigualdades, a fome e a miséria no Brasil, no marco das instituições vigentes.

É verdade que seu governo e suas propostas atuais têm um forte tom antineoliberal, pela consciência de que é esse tipo de política econômica é o fundamento do aumento das desigualdades no Brasil, da intensificação da concentração de renda, do favorecimento do capital especulativo e não do produtivo, da incapacidade desse modelo de gerar empregos e desenvolver políticas sociais.

Esse é um marco de que Lula não abre mão, sabendo que, se quer governar para todos, privilegiando os mais pobres, tem que promover políticas de retomada do crescimento econômico, de prioridade das políticas sociais, de geração de emprego formal, com carteira assinada, como fez no governo anterior. Consciente de que terá um trabalho duro de reconstrução do país pela frente, porque vai herdar, caso seja eleito, um Brasil em situação muito pior do que o que ele herdou em 2003 do FHC.

Lula polariza contra o Bolsonaro, porque ele é o único candidato que tem força para derrotar o atual presidente e seus aliados de todo tipo. Porque embora tenha perdido muito apoio, Bolsonaro conta ainda com parte do grande empresariado, com o apoio dos militares, de parte da mídia, das milícias e de parte dos evangélicos. Se trata assim não apenas de derrotar um presidente desnorteado, que já não governa, só polemiza, que não sabe o que fazer do país, que pensa mais em como enfrentar o Lula nas eleições do que em enfrentar a estagnação econômica, a inflação, a fome e a miséria, que dominam o Brasil hoje.

Trata-se também de derrotar os que apoiaram Bolsonaro, que o levaram à presidência e que ainda o preferem ao Lula. Entre eles, como mencionei, estão parte do grande empresariado, os militares, parte da mídia, entre outros.

Lula sabe que não será com uma posição de extrema esquerda que ele poderá seguir agregando apoios a seu nome, que terá que privilegiar uma posição de reconstrução do Brasil, dos pontos de vista econômico, político, social, cultural, moral e de soberania nacional. Sabe que, para ganhar, no primeiro ou no segundo turno, precisa dos mais amplos apoios da população, para canalizar realmente a ampla rejeição do Bolsonaro e do seu governo.

Para governar, também, Lula terá que contar com o apoio de amplos setores do país, inclusive de setores do empresariado, sem cujos investimentos não será possível recuperar a economia, que não pode contar apenas com os investimentos públicos, embora estes terão um papel importante de alavanca para a recuperação econômica do país.

Lula expressa o anti-Bolsonaro, para o que não tem posições extremistas de esquerda, como o Bolsonaro tem as de direita. Lula representa todo o espectro de 2/3 da população, que não se dispõe a votar pelo Bolsonaro, quer que ele seja derrotado, para sair da crise catastrófica em que ele meteu o país.

A tese da polarização como oposição de dois extremos é assim falsa, assim como a tese de que um setor expressivo da população não quer nenhum dos dois e busca alternativas de terceira via. A grande maioria rejeita o Bolsonaro e tem no Lula o seu candidato. E quanto mais nos aproximamos das eleições, mais gente migrará dos candidatos à terceira via para o Lula, ao se dar conta que é a única via para derrotar o Bolsonaro e resgatar o país da situação desastrosa em que vive a grande maioria dos brasileiros.

Lula, cada vez mais, aparece para os brasileiros como o anti-Bolsonaro, como a alternativa ao governo catastrófico do Bolsonaro. Ele polariza com o Bolsonaro como polarização entre a democracia e a ditadura, entre a política de bem-estar para todos e a política de favorecimento do capital especulativo, polarização entre governar para todos e governar para uma elite minoritária.

Essa é a polarização do país hoje, quando se polariza entre o Lula e o Bolsonaro, entre um governo para resgatar o Brasil e um que só o afunda na miséria e na desesperança.

Emir Sader - Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

A LUA, SEGUNDO O POVO ASHANINKA

Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida

A Lua, chamada *Kashiri*, é personagem masculino. Alguns Ashaninka dizem que *Kashiri* é o pai do Sol, mas muitos nada sabem a respeito do parentesco entre os dois. A lua é o meio mais utilizado para marcar a passagem do tempo. Suas fases são interpretadas, por meio de cores e formas, como resultado de enfrentamentos corporais com o sol.

Watsiwãkataki Kahsiri – (lua cheia; literalmente, "a lua está firmada"). Luta corporal com o sol. O sangue começa a se espalhar.

Hatsimata Kashiri – (lua minguante; literalmente, "a lua está aprumada"). O sangue está se espalhando dentro do olho da lua. A lua está indo embora. Ela quase morre. A noite começa a ficar escura.

Iyotxetapaki Kashiri – (lua nova; literalmente, "a lua está cega"). Está pequena, está fraca, quase morrendo.

Henokitapaki Kashiri – (lua crescente; literalmente, "a lua está alta"). A lua está curada. Ela está ficando grande.

A chegada da lua nova é anunciada por *pawo* (bacurau, família *Caprimulgidae*). No primeiro dia da lua nova, quando ainda não é possível avistá-la, é ele quem anuncia, com seu canto, a chegada dela. Os eclipses lunares são chamados de *itsiwakatsi Kashiri*, " a lua está se apagando". São decorrentes de brigas entre a lua e o sol. A lua nunca vence o sol, sempre sai prejudicada.

A estrela *inakawote* só nasce na lua nova; quando ela é vista bem baixa, é sinal que vai sair a lua nova. Esposa da lua, é ela quem cuida dos mortos quando a lua sai do lugar.

Quando os mortos chegam, a lua toma-os nos braços como se fossem bebês e os entrega a *inakawote*; ela recebe e dá banho neles. *Inakawote* fica com raiva da lua por conta dos mortos que ela lhe traz para lavar.

A lua, por sua vez, também fica com raiva de *inakawote*, bate nela e vai procurar *waariya*, que é uma outra estrela. Quando vai procurar *waariya*, a lua muda de posição. Com a mudança de posição, vem a chuva, que são lágrimas de *inakawote*.

A lua fica um tempo ao lado de *waariya*, que depois desaparece, para reaparecer ao lado de *inakawote*. Quando os Ashaninka veem *waariya* muito pertinho da lua, jogam cinza para estragar o casamento de quem está pensando em casar.

Manuela Carneiro da Cunha – Antropólga militante. Pesquisadora dedicada ao estudo da Amazônia, em *Enciclopédia da Floresta - O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*, 2002.

Mauro Barbosa de Almeida – Antropólogo social e cientista político. Pesquisadores dedicados ao estudo da Amazônia, em *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações*. Companhia das Letras, 2002.

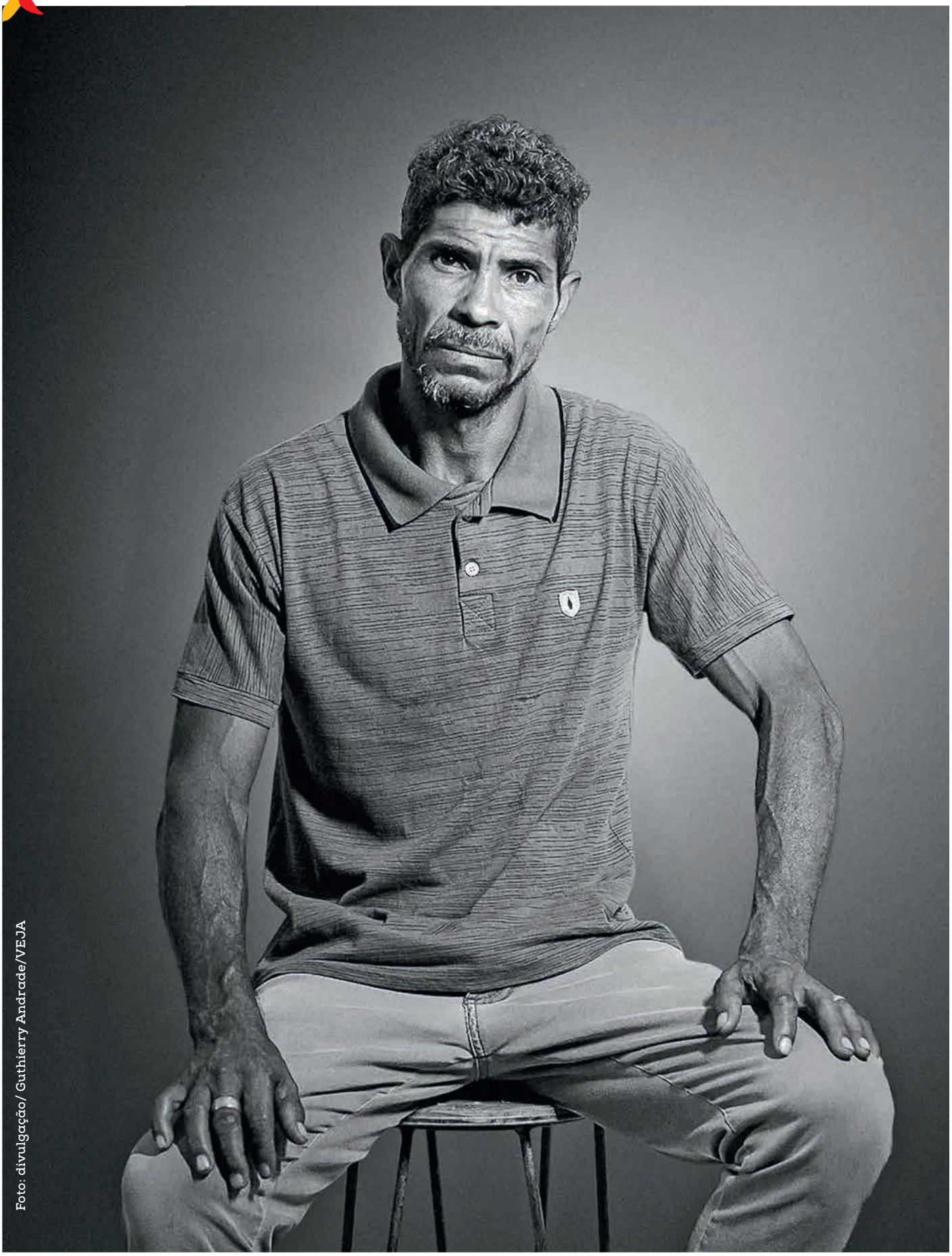


Foto: divulgação/ Guthierry Andrade/VEJA

O HERÓI DE ITABUNA

Zezé Weiss

Enquanto a Bahia se acabava em enchentes e o chefe da Nação ostentava sandices no oceano de Santa Catarina, ao ponto de obstruir o próprio intestino com a ingestão de um camarão inteiro, um humilde pescador de Itabuna enfiou a jangada na correnteza para salvar vidas.

Ao tempo em que o presidente ignorava, solenemente, a dor do povo baiano, incansável, Jean de Oliveira mudou o rumo de sua humilde vida para resgatar famílias ilhadas pelos temporais que dizimaram o sul da Bahia. Jean diz que perdeu a conta de quantas viagens fez pelos alagados de Itabuna para, ao final, salvar 121 famílias, segundo sua própria estimativa.

Ao tempo em que salvava vidas alheias, Jean perdeu a própria casa para as chuvas. Só soube um dia depois, quando pôde, enfim, cuidar dele mesmo. Perguntado como se sentia ao saber de sua perda, Jean disse incisivo: "é pequenininha", comparada com a dor coletiva do povo baiano. Um herói de verdade, segundo uma moradora de Itabuna.

O herói da Bahia – e do povo brasileiro – foi descoberto pelo fotógrafo Guthierry Andrade, durante cobertura que ele fazia da tragédia das enchentes para o site "Só Notícia Boa"

Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental.

CHUCHU DE CAPOTE

Receita de Dona Canô

Descascar o chuchu embaixo d'água corrente para o "leite" não queimar as mãos. Abrir ao meio e retirar a semente, a parte branca, e cortar em tiras não muito finas. Lavar e ferver com um pouco de sal. Só colocar o chuchu na água já fervendo, assim o chuchu não perde a cor verde.

Depois de cozido, escorrer e deixar sobre um pedaço de papel-toalha para secar. Bater dois ou três ovos com um pouco de sal e uma colherinha de farinha de trigo. Molhar cada pedaço do chuchu na mistura do ovo com sal e farinha e, numa frigideira, levar a fritar.

Depois de frito, retirar o excesso de gordura com um papel-toalha.

Fonte: *O Sal é um Dom – Receitas de Dona Canô* – Mabel Velloso, editora Casa Palavra, 2015.

Foto: divulgação /Bruno Jorge/Zeza Filmes

RISCO DE EXTERMÍNIO: PANDEMIA E GOVERNO DO INOMINÁVEL AMEAÇAM INDÍGENAS ISOLADOS

Maria Fernanda Ribeiro

Análise inédita mapeia invasões de garimpeiros, madeireiros e até de traficantes a territórios com povos em isolamento e mostra como a Covid e as políticas do atual governo vêm estrangulando as terras indígenas e a sobrevivência dos isolados.

O assassinato de dois indígenas isolados por garimpeiros na Terra Indígena Yanomami, divulgado em dezembro de 2021 pela Hutukara Associação Yanomami (HAY), é uma tragédia que vinha sendo anunciada de vários lados.

Meses antes, Davi Kopenawa Yanomami já alertava sobre a situação dos Moxihatëtëma. "Estou preocupado com os parentes isolados porque o perigo está chegando para eles. Estamos cercados pelo garimpo, e tem garimpeiro que gosta de matar índio", disse o líder, reconhecido mundialmente como um grande defensor na luta pelos direitos da Terra Indígena (TI) Yanomami, em Roraima. "Eles são meus vizinhos, meus irmãos, e estamos lutando para o garimpeiro não chegar até eles".

Outro aviso do risco que corriam estava estampado com letras vermelhas no ranking Alerta Povos Indígenas Isolados Covid-19, do OPI (Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados

e de Recente Contato). A ferramenta é como um termômetro que mede o grau das ameaças – agravadas com a pandemia – contra os isolados. No primeiro lugar da lista, está justamente a Serra da Estrutura, área da TI Yanomami onde vivem os Moxihatëtëma. O principal agravante? Garimpo.

Mas os garimpeiros são apenas uma das ameaças contra os isolados. O ranking do OPI e relatos desesperados de lideranças indígenas alertam para uma "tempestade perfeita" que põe em risco a sobrevivência desses povos. Primeiro, veio o desmonte das políticas socioambientais promovido por Jair Bolsonaro, que enfraqueceu a fiscalização dos territórios. Veio também o discurso anti-indígena do próprio presidente, que deu um salvo-conduto aos invasores. Em seguida, chegou a pandemia, que dificultou ainda mais a proteção das terras indígenas, deixando esses povos cada vez menos isolados.

Assim, as porteiras – que já estavam sendo abertas para garimpeiros, grileiros, madeireiros, missionários e até traficantes – foram escancaradas para a "boiada" passar. Caso do desmatamento em TIs com isolados, que cresceu quase 1.500% durante o governo atual, se comparado à década anterior. Ou seja, entre 2009 e 2018, a média registrada foi de 582 hectares por ano, marca que chegou a 9.271 hectares durante a gestão Bolsonaro, segundo cálculo do Instituto Socioambiental (ISA).

VETORES DA DESTRUIÇÃO – E DO VÍRUS

Durante a atual "tempestade", o desmatamento e o garimpo vão além de destruir os territórios dos povos originários, atuando também como vetores da Covid-19. Ambas as atividades foram responsáveis por abrir caminho para que o vírus contaminasse ao menos 22% dos indígenas infectados, segundo uma pesquisa com dados até agosto do ano passado, do economista e especialista em políticas públicas Humberto Laudares.

"São justamente os indígenas, os maiores protetores da floresta, que mais sofrem com essa dupla pandemia sanitária e ambiental. Infelizmente, as políticas vindas do governo estão a favor das pandemias e contra os indígenas", afirma Laudares.

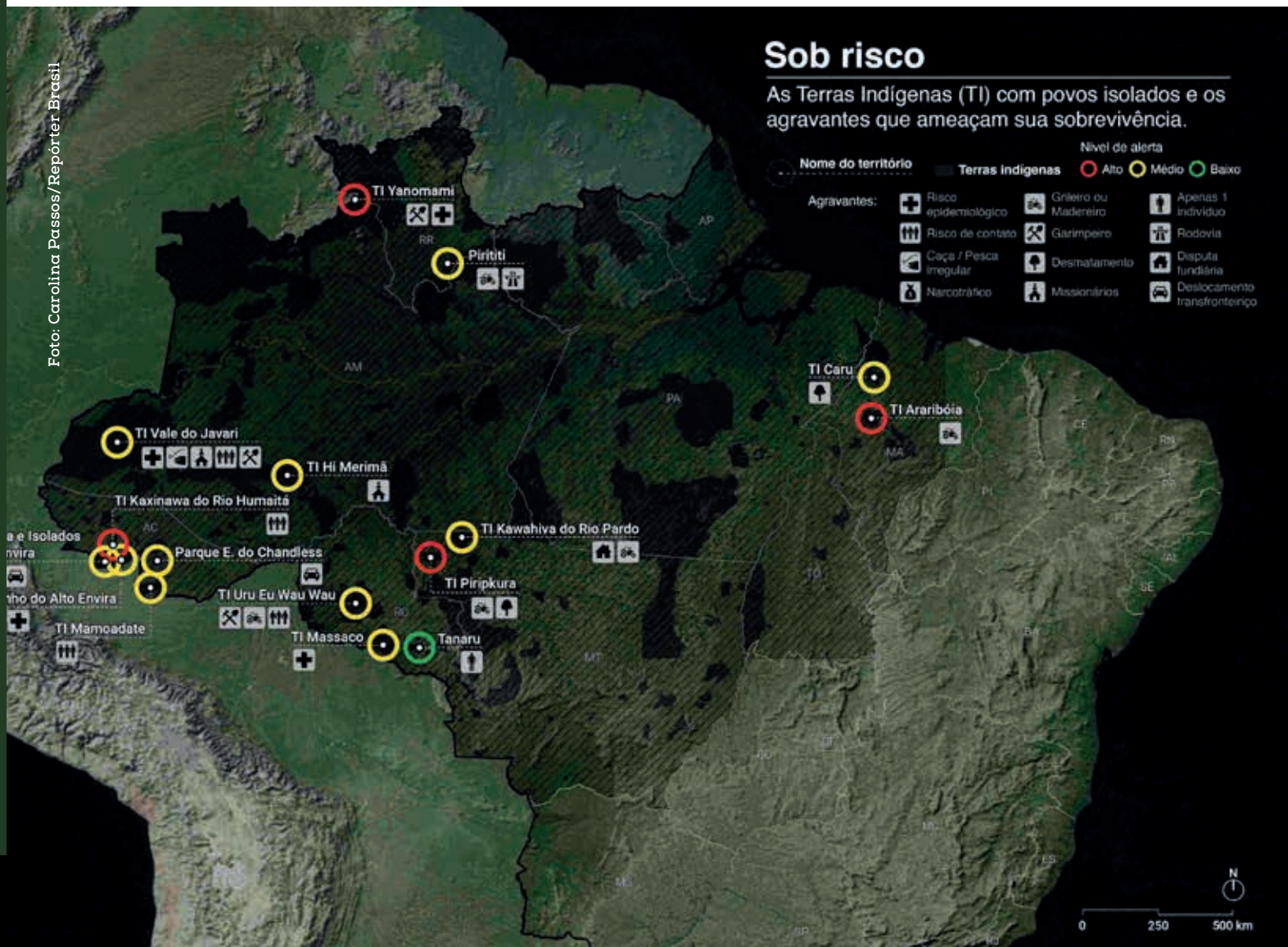


Foto: Carolina Passos/Repórter Brasil

Foto: Flay Guajajara/Mídia Índia

Para Angela Kaxuyana, liderança do movimento indígena da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), é desesperador saber que a vida dos isolados, que dependem de um território preservado, está em risco: "Quando tem queimada ou desmatamento, eles são os primeiros que sofrem".

"Sempre existiram ataques, invasões e tentativas de desaparecer com os povos isolados. Mas antes desse governo muito declarado contra os indígenas, as pessoas agiam de uma forma mais tímida, mais camuflada", afirma Kaxuyana. "Só que hoje o que intensifica essa ameaça é que você tem o presidente declarando que tem como agenda oficial esse desmonte [de políticas pró-indígenas], além da pandemia, claro."

Para ela, a Covid segue sendo uma ameaça aos indígenas em geral, mas especialmente aos isolados. "Se algum for contaminado, teria um genocídio em dois ou três dias".

Os riscos para essas populações são maiores por serem mais vulneráveis a doenças infectocontagiosas – uma simples gripe pode matar e deixar povos inteiros à beira da extinção. Foi o que aconteceu com os Nambikwara. Após o contato com não indígenas, 90% da população foi morta por epidemias como as de sarampo e gripe. É justamente por contatos catastróficos como esses que alguns povos se isolaram.

Há atualmente 114 registros da presença de isolados na Amazônia Legal, sendo que são 28 povos isolados oficialmente confirmados, segundo a Funai. Para se chegar ao nível de alerta, o levantamento considerou pontos como casos/mortes por Covid, risco de invasões e planos de contingência caso haja contato.

TI ARARIBÓIA –

"Perdemos o controle, nossa terra está toda invadida."

Na TI Yanomami, cujo risco de alerta é o mais grave, é o garimpo a principal ameaça, acompanhada de uma situação epidemiológica já fragilizada antes da pandemia, com problemas como desnutrição infantil severa. São mais de 2.100 casos de Covid e 22 mortos pelo vírus, de acordo com a Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

No segundo lugar no ranking está a TI Araribóia, no Maranhão, onde os Guajajara dividem o território com os isolados Awá Guajá, que frequentam as mesmas regiões alvos de invasões de madeireiros ilegais. A área foi a que mais sofreu com o desmatamento ilegal, segundo o monitoramento do Sirad-Isolados de agosto.

Foi quando os invasores derrubaram uma área de mata nativa equivalente a 85 campos de futebol – um aumento de 78% no desmatamento em relação a agosto de 2020. Focos de queimadas também aumentaram 100% este ano.

Maria Fernanda Ribeiro – Jornalista. Matéria publicada originalmente no Repórter Brasil. https://reporterbrasil.org.br/2021/11/risco-de-exterminio-pandemia-e-governo-bolsonaro-ameacam-indigenas-isolados/

ENY RAIMUNDO MOREIRA:
A ADVOGADA QUE ENFRENTOU A DITADURA MILITAR

Frei Betto

Imagine uma penitenciária de presos comuns, guardados em regime de segurança máxima, no interior de São Paulo. Mude agora o foco da fantasia para o bairro do Leblon, no Rio. Acredita que uma jovem advogada possa trocar a Zona Sul carioca, em plena noite de Natal, pela convivência com presos com-uns?

Em 1972, eu me encontrava na Penitenciária de Presidente Venceslau (SP), em companhia de mais cinco presos políticos – os frades Ivo Lesbaupin e Fernando de Brito, o camponês Manuel Porfírio, o jornalista Maurício Politi e o advogado Wanderley Caixe – todos misturados, por arbítrio da ditadura militar, a centenas de presos comuns.

O trenó da solidariedade nos levou um presente inusitado no Natal: a presença de nossa advogada, Eny Raimundo Moreira. A direção do cárcere não conseguia entender por que ela preferiu passar ali aquele período de festas, longe de seus familiares e amigos. Por que os "terroristas" mereciam tanta atenção?

Eny era mais do que mera advogada. Destacava-se pela garra, pelo destemor frente ao aparato necrófilo da ditadura. Pequena na estatura, era grande

na coragem. Mineira de Juiz de Fora, pele cor de amêndoa, tinha o raciocínio ágil e transpirava afeto.

Em 13 de junho de 1972, Paulo Vannuchi, um dos clientes da doutora Eny, compareceu à Auditoria Militar de São Paulo para depor como testemunha em um processo. Eny denunciou ao juiz Nelson da Silva Machado Guimarães a tortura que ele sofrera no DOI-CODI, a 9 de maio: apontou o hematoma no olho esquerdo e os sinais de enforcamento no pescoço.

Pediu que ele abaixasse a calça e mostrasse hematomas na virilha e na perna esquerda, esfolamentos e escoriações diversas. Paulinho declarou que os torturadores, frente à sua resistência em não ingerir alimentos no decorrer da greve de fome, introduziram um tubo em seu ânus, por onde injetaram leite.

A única reação do juiz foi prometer que o prisioneiro não retornaria ao DOI-CODI.

A coragem da Eny era desproporcional ao seu tamanho. Tinha a quem puxar: trabalhou no escritório do famoso advogado Sobral Pinto, no Rio. Católico convicto, Sobral defendeu Luiz Carlos Prestes, líder comunista, sob a ditadura de Getúlio Vargas.

Graças também ao empenho de Eny, a memória nacional resgatou, na obra "Brasil Nunca Mais" (Vozes), assinada por Dom Paulo Evaristo Arns e o pastor Jaime Wright, as atrocidades cometidas pela ditadura.

Foi ela quem encontrou as vias transversas para acessar os arquivos do Superior Tribunal Militar, em Brasília, e microfilmar todos os processos de presos políticos.

Na noite de Natal de 1972, a Penitenciária de Presidente Venceslau programara missa celebrada pelo capelão, um padre espanhol mais próximo dos carcereiros que dos condenados, na contramão de Jesus. Apelamos ao diretor para que Eny pudesse participar. Seria ele tão desalmado a ponto de permitir que ela, distante do Rio, ficasse sozinha num quarto de hotel naquela noite significativa? Vencido por nossa pressão, o homem cedeu.

Armou, no pátio da penitenciária, um palanque e, dentro dele, o altar. Lá embaixo, quatrocentos presos uniformizados e enfileirados. No momento da homilia, o celebrante deu a palavra ao diretor. Pronunciou um farisaico discurso, como se todos ali não soubessem que ele era conivente com torturas, castigos abusivos em solitárias, onde presos ficavam semanas trancados nus, às escuras, suportando o frio e a água com que os guardas molhavam o chão.

Em sua ânsia demagógica, o diretor cometeu o erro de exaltar o gesto da doutora Eny Raimundo Moreira, que viera de uma cidade distante para comemorar o Natal com seus clientes. Pediu uma salva de palmas à Eny. E ainda solicitou que ela dissesse uma palavra aos "reeducandos".

Surpresa e bastante emocionada, ela nos dirigiu a palavra. Impossível reproduzir o que disse. Um canto de amor não pode ser descrito. Como doce perfume, suas palavras contagiaram o ambiente. Seu carinho penetrou o coração de cada presidiário. Só lembro que terminou dizendo: "Beijo cada um de vocês". Mas não se limitou à palavra. Emocionada, preferiu uma atitude:

– É noite de Natal – disse – e quero dar um abraço em cada um de vocês.

Abandonou o microfone e veio em direção aos bancos onde estávamos. Desceu do palanque-altar e, durante duas horas, sob um silêncio clamoroso, enquanto a banda de presidiários tocava as peças finais, ela caminhou lentamente entre aqueles homens uniformizados, enfileirados nos bancos, e abraçou e beijou cada um daqueles quatrocentos homens, a maioria há anos sem receber o carinho ou o toque de uma mulher. Choravam convulsivamente. Corações de pedra transmutavam-se em corações de carne, como reza a Bíblia.

Muitos companheiros não suportaram a ternura que extravasava daquele gesto.

Um deles disse a ela: "É a primeira advogada que vejo advogar com amor". Outros disseram: "Frei, por esta mulher, eu mato qualquer um" (dentro daquele mundo, isto era uma forma de elogio); "Eu não acreditava em gente boa, mas agora sou obrigado a reconhecer que estava errado"; "Não podia haver melhor presente".

Durante muito tempo, o assunto ali foi a presença de Eny.

Na segunda-feira, 25 de dezembro, Eny voltou cedo para passar o dia conosco. Foi a única visita que nós seis recebemos. Demos a ela, de presente, desenhos feitos pelo Caixe e o Mané. O time campeão da casa ofertou medalhas e faixas, que ela recebeu feliz. Todos queriam agradecer-lhe de alguma forma.

Eny partiu na manhã seguinte. Mas sua presença perdurou.

Assim era Eny, advogada que não sabia atuar, em nível efetivo, sem o complemento do afetivo. Foi o anjo da guarda de centenas de presos políticos da ditadura e, como discípula de Sobral Pinto, defensora intransigente dos direitos humanos.

A história do Brasil a merece. E as vítimas da ditadura agradecem a vida, a coragem e a competência desta encantadora mulher, que aos 77 anos transvivenciou em São Paulo, acometida por problemas no coração e nos rins, na terça, 4 de janeiro de 2022.

Frei Betto – Frade dominicado. Escritor. Resitente da Ditadura Militar.

BANCÁRIOS DO CENTRO-NORTE AMPLIAM REDE DE SOLIDARIEDADE SOS BAHIA

Pedro Tierra

A Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN), o Sindicato de Brasília e os demais sindicatos filiados criaram a ação SOS Bahia para socorrer as vítimas das enchentes de mais essa tragédia ambiental. Com apoio da Contraf-CUT (Confederação Nacional) e da CUT, os bancários ampliam assim a rede de solidariedade que se espalha por todo o país diante da absoluta falta de ação do governo antiambientalista de Bolsonaro.

As contribuições podem ser feitas pelo pix doacoes@bancariosdf.com.br ou pelo QR Code abaixo.

O cenário é de calamidade. Segundo a Superintendência de Proteção e Defesa Civil da Bahia (Sudec), até o final da primeira semana de 2022 a quantidade de atingidos pelas chuvas já chegava a 815.597 pessoas em 174 municípios. Haviam morrido 26 moradores e 520 estavam feridos. E ainda restavam 101.256 desabrigados ou desalojados

As consequências sanitárias são ainda dramáticas e imprevisíveis. Segundo os epidemiologistas, depois das enchentes é enorme o risco de aparecimento de doenças como leptospirose, que tem letalidade relativamente alta, e de ressurgimento de casos de dengue e de doenças transmitidas pelo mosquito aedes aegypti.

A tragédia se amplifica com o surto de gripe e da nova onda de Covid-19 que assola o país. Sem contar a ameaça da fome provocada pela destruição das enchentes, formando uma "tempestade perfeita". Como sempre, as principais vítimas são as camadas mais pobres da população, obrigadas a construir suas residências nas áreas de maior risco.

No período mais dramático das chuvas, o presidente da República passeava de jet sky pelas praias de Santa Catarina, zombando de forma sádica do desespero de quase um milhão de brasileiros.

É mais um capítulo fúnebre desse governo de destruição de vidas, responsável por grande parte das 620 mil mortes provocadas pela Covid-19 (e agora tentando impedir que as crianças sejam vacinadas), e devastação do meio-ambiente, que está destruindo os três grandes biomas situados na área de atuação da Fetec-CUT/CN: Amazônia, Cerrado e Pantanal.

Os dados mais recentes do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) mostram que o desmatamento na Amazônia Legal aumentou 21,97% no período entre agosto de 2020 e julho de 2021 – uma área de 13.235 km². Desde o início do desgoverno Bolsonaro, a área total desmatada da floresta amazônica cresceu 52,9%.

As causas imediatas das enchentes na Bahia, de acordo os meteorologistas, são a combinação de dois fenômenos: a chamada Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), um corredor de umidade que vai da Amazônia ao sul do Atlântico, típico dessa época do ano, e La Niña, que esfria as águas do Pacífico equatorial, causando um aumento de chuvas no centro-norte do Brasil, reforçado pelo El Niño, que aquece o Atlântico, levando calor e umidade ao nordeste.

Mas são fenômenos agravados pelos desmatamentos e pelo aquecimento global, graves problemas ambientais que não são apenas negados mas ampliados pela política antiambiental de Bolsonaro.

Diante da total ausência de ação do governo federal, a sociedade brasileira vem respondendo com uma vasta rede de solidariedade para socorrer às vítimas da catástrofe. Para isso criamos o SOS Bahia, repetindo a iniciativa que fizemos com a ação SOS Xavante, para ajudar as populações indígenas ameaçadas durante a primeira onda da Covid-19.

Além das contribuições pelo pix acima, quem reside em Brasília também pode fazer doações de roupas, itens de higiene e cestas básicas e entregá-las no Teatro dos Bancários, na EQS 314/315, Bloco A, Asa Sul.

São ações emergenciais de solidariedade, fundamentais para minimizar os danos principalmente à população da Bahia mais vulnerável a essa terrível crise ambiental e sanitária.

Medidas de longo prazo para reverter essas políticas de destruição da vida e do meio-ambiente só serão adotadas a partir de 2023, com a derrota nas urnas desse governo genocida.

FETEC CUT Centro Norte

Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)

DOUTORA ZENEIDA; AS ENCANTARIAS DE UMA PAJÉ

José Ribamar Bessa Freire

La raíz del árbol no canta. Canta la copa, no más.
(Zamba Tata Juancho de Jorge Cafrune – 1976)

Lembro bem, foi em 2007, em Soure, Marajó, perto da praia do Mata-Fome – um nome desse ninguém esquece. Com a pajé Zeneida e o karai guarani Wherá Tupã, atravessamos um manguezal, cujas raízes expostas vinham buscar oxigênio na superfície. Os dois deram uma aula de etnobotânica no meio da mata, num terreno mais alto de solo firme.

Cada planta foi nomeada, identificada, cheirada, acariciada, reverenciada, catalogada, classificada e enaltecida em suas propriedades medicinais e alimentícias. Era um momento mágico. A mata resplandecia. O *designer* amazonense Amaro Jr., que tudo filmava, deu uma paradinha para enxugar lágrimas furtivas e falou:

– Se me perguntam o que eu estou filmando, além da conversa de pajés, respondo: "árvores", porque não sei o nome próprio de nenhuma delas. Mas os dois sábios não veem "árvores" genéricas, só plantinhas, que eles chamam pelo nome próprio na maior intimidade. Conhecem cada espécie e elas demonstram conhecer os dois.

Foi esse tipo de saber que encantou o botânico Barbosa Rodrigues, quando organizou o Museu Botânico de Manaus no final do séc. XIX. Ele descobriu, um século antes de Lévi-Strauss, que os povos ameríndios tinham um senso acurado de observação e manejavam um sofisticado sistema de classificações no campo da botânica com uma "nomenclatura clara, precisa e exata que alargou o campo do conhecimento das plantas, através de um método sintético" que, para ele, "é tão rigoroso quanto o método científico de Lineu".

Foto: José Tibamar Bessa Freire/Taquiprati

O SONO DO QUATI

Esses saberes ignorados pela academia entraram agora na Universidade Estadual do Pará (UEPA) pela porta da frente, levados por uma das herdeiras do "idioma vegetal", a pajé e educadora Zeneida Lima, que na terça, 1º de dezembro de 2021, recebeu o título de "doutora honoris causa". A cerimônia deixaria orgulhosos o Mestre Mundico, que a iniciou na pajelança e o seu bisavô Coemitanga, xamã da etnia Sacaca, conhecedor dos segredos da natureza humanizada.

A nova doutora, aos 87 anos, continua fazendo remédios extraídos da floresta, que para ela é uma "farmácia". Faz isso desde os onze anos, como revela no seu livro *O Mundo Místico dos Caruanas* (1993), prefaciado por Raquel de Queiroz, agora em edição ampliada com o título *Meus Caruanas* (2021), que recupera narrativas místicas dos povos originários do Marajó e seus saberes sobre plantas medicinais, estabelecendo um diálogo de saberes entre a oralidade e a escrita. Autora de muitos livros, ela conviveu com etnógrafos conhecidos como Pierre Verger, Roger Bastide e Nunes Pereira com quem trocou correspondência sobre os caruanas, "senhores das águas do nosso planeta".

– "As receitas simplesmente me vinham à cabeça como hoje me vêm as músicas que componho e as poesias que escrevo" – ela diz. Afinal, "cantar é uma maneira de se comunicar com as plantas", como afirmam poetas na nona edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP).

Mais de 120 músicas cantadas pela pajé, algumas em Nheengatu, foram gravadas por Egberto Gismonti. Uma delas, cuja letra foi registrada pelo cônego Bernardino de Souza em 1875, é uma canção de ninar, na qual as mães, para fazerem dormir seus bebês, pedem emprestado o sono do quatipuru, um animal que passa a noite na balada e de dia, dorme:

– *Acutipuru ipurú nerupecê.* Cimitanga-miri uquerê uaruma.

Numa oficina que ministrei na aldeia Canafe, em Barcelos (AM), alguns professores indígenas do Rio Negro não entenderam o Nheengatu do cônego, que só registrou a letra, sem partitura. Nenhum deles conhecia a música. Ficaram de consultar as avós. Mandei, então, a letra para a pajé Zeneida, que botou música e me enviou a gravação.

FRONTEIRAS DO SABER

Uma canção do ritual da pajelança, em Nheengatu, foi cantada pela doutora Zeneida no XVI Seminário de Culturas e Memórias Amazônicas e VI Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, de 1 a 3 de dezembro de 2021, organizados pelo Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) da UEPA e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Na mesa-redonda de abertura "No Reino da Encantaria", nossa pajé foi homenageada por seus amigos: a cineasta Tizuka Yamasaki, a atriz Dira Paes, o músico Egberto Gismonti e este colunista que iniciou assim sua fala:

– Quem mais ganha com este título de doutora não é aquela que acaba de recebê-lo, mas quem o concedeu: a UEPA, que desta forma traz para dentro da instituição o reino da encantaria com seus novos saberes e as diferentes formas de produzi-los, a visão de que as espécies vegetais e outras formas de vida estão interligadas, todas elas igualmente partes da natureza: pessoas, plantas, animais. Ignorar isso nos torna extraterrestres, como afirma o

filósofo italiano Emanuele Coccia, professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, que encerrou no domingo, 5 de dezembro, a FLIP de 2021, falando sobre o seu livro *"A Vida das Plantas"*.

Lembrei conferência na UERJ, em 2005, do então presidente do CNPq e ex-vice-reitor da UFMG, Evando Mirra, intitulada *Ciência, amor, sabedoria – uma incursão pela transdisciplinaridade*. Para ele, "a fronteira entre saberes é um espaço de troca e não uma barreira". A Universidade pode "nutrir ao mesmo tempo mais de um pensamento para transbordar os limites das disciplinas acadêmicas e acolher outros saberes", o que implica "um trabalho coletivo aberto para o novo e o diverso".

Citei ainda o reitor da Universidade de Würzburg, na Alemanha, Theodor Berchem, na sua conferência de abertura do IX Congresso Internacional de Universidades, na Finlândia, em 1990:

> *– A Universidade vive uma tensão permanente entre, de um lado, o compromisso com as culturas nas quais estão imersas - que são particulares e, de outro, com a ciência - que aspira a universalidade. Mas o conhecimento universal só pode ser construído se houver diálogo de saberes particulares.*

O VOO DO PÁSSARO

Quem contribuiu também para a crítica ao modelo do conhecimento único foi Darci Ribeiro, ex-ministro da Educação, que defendeu a universidade pluriepistêmica, capaz de incluir dentro dela mestras e mestres dos povos tradicionais. Usou uma imagem potente no leito do hospital, horas antes de se despedir da vida, em fevereiro de 1997, quando disse que havia sido um fazedor de universidades, o que não teria nenhum valor se não tivesse criado também o sambódromo:

> *– O pássaro da cultura tem duas asas. Uma é universidade, a cultura erudita, a ciência. A outra, o sambódromo, a cultura e o saber popular. Acontece que, se faltar uma delas, o conhecimento não decola.*

Nossas universidades costumam bater apenas uma asa. O título conferido à doutora Zeneida manifesta a disposição da UEPA de bater as duas asas e levantar voo para combater a tragédia vivida em diferentes partes do planeta, que não é um acidente natural, mas o produto de uma intervenção desastrada, que em nome do lucro esqueceu que a terra é gente como nós. "A mata está queimando, pedindo socorro, a floresta está acabando, estão tocando fogo" – canta a doutora Zeneida Lima, batendo dentro da UEPA a outra asa, a asa dos caruanas.

Felizmente, as universidades começam a decolar. Uma semana antes, título similar de doutora honoris causa foi conferido pela UFRJ a Eliane Lima dos Santos, a Eliane Potiguara, professora, poeta, contadora de histórias, mãe, avó. Na UFMG, está correndo o processo de concessão do título de "doutora por notório saber" à Mestra Japira. E na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), o antropólogo tukano João Paulo Lima Barreto destacou na mesa "Plantas e Cura" que "em uma sociedade cartesiana, alegações baseadas em experiências subjetivas e não em evidências científicas podem ser facilmente desacreditadas". Ele acrescentou:

> *– Falamos muito da importância da floresta e da água, mas muitas vezes fomos incompreendidos, agora a ciência traz essa visão. Para nós, as plantas têm vida própria e nós precisamos entender isso para nos colocarmos como sujeito e não como objeto. Assim, tudo vira sujeito: o barulho da floresta, o balanço das folhas. Tudo isso é linguagem.*

Até mesmo o canto das árvores, cujas copas entoam canções alicerçadas em suas raízes, como na música do genial argentino Jorge Cafrune.

P.S. Ih! Já ia esquecendo. Terminei minha fala quebrando a formalidade de um evento acadêmico, ao declarar que se um dia ficar viúvo, peço ao Rubinho e a Eliane a mão da mãe deles em casamento. Prometi que, neste caso, seria um excelente padrasto, não sei se tão bom quanto Egberto Gismonti, que nunca confessou, mas sei que tem secretamente os mesmos planos.

José Ribamar Bessa Freire – Cronista da Amazônia, em www.taquiprati.com.br.

CABEÇAS

Wagner G. Bandeira

Uma a uma, os soldados retiram as onze cabeças das latas de querosene. Ajeitadas em forma de pirâmide invertida nos quatro degraus da Prefeitura de Piranhas, interior de Alagoas, elas fedem, pingam uma mistura de álcool, salmoura e fluídos humanos.

Lampião ocupa o centro do primeiro degrau, a pele morta e encharcada puxa olhos, bochechas e boca para baixo, as orelhas estão desalinhadas. Os tecidos não parecem colados ao osso.

Na fileira de cima, a cabeça altiva de Maria Bonita, o queixo alto, amparado por duas pedras, guarda melhor seus traços de viva, os olhos semicerrados.

A outra mulher do grupo, Enedina, tomou um tiro na testa, falta parte do crânio, o vazio é ocupado por seus cabelos fartos, socados no que sobrou da cabeça.

A pequena escada, enchendo-se de vencidos, torna-se um altar grotesco. Pistolas automáticas, fuzis, cartucheiras, bornais e apetrechos com bordados coloridos compõem a cena. Há doze chapéus para as onze cabeças.

No alto, uma sela e duas máquinas de costura serão registradas na foto que entrará para a história como parte do butim levado de Angico, o último refúgio daquele cangaceiro (Lampião).

A população se aproxima. A montagem, isolada pelos praças da polícia, causa repugnância, mas todos sabem que são testemunhas de um evento importante, que precisam estar ali, ver com os próprios olhos.

Wagner G. Bandeira – Escritor, em *"Lampião & Maria Bonita"*, editora Planeta, 2018.

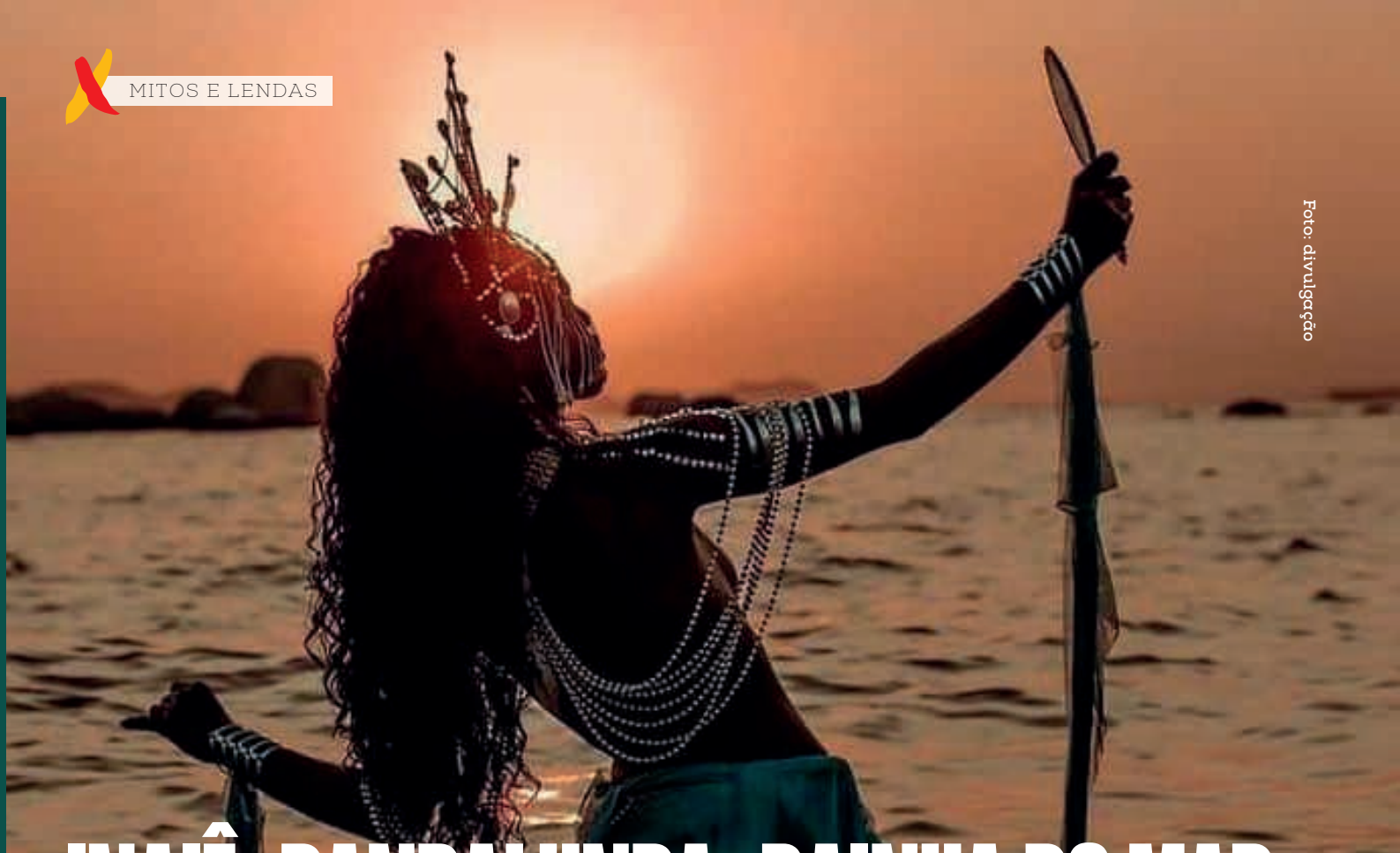


Foto: divulgação

INAÊ, DANDALUNDA, RAINHA DO MAR. NOSSA MÃE YEMANJÁ. ODÓ YIÁ!

Iêda Vilas-Bôas e Reinaldo Filho Vilas Bôas Bueno

Em 2022, Yemanjá ou Iemanjá será uma das regentes do ano. Juntamente com ela aparem o Orixá Exu, Oxumaré e os Ibejis. Iemanjá vem para aliar a esperança da renovação nos conflitos do cotidiano. Yemanjá, a Orixá do mar amenizará os movimentos do mundo, é ela quem nos dará forças e autoconfiança para enfrentarmos os muitos obstáculos do ano que se inicia.

Iemanjá, orixá feminina, filha de Olokun, herdeira e protegida do soberano dos mares, recebeu dele a missão de cuidar das águas salgadas. A linda Iemanjá se casou com Olofin-Oduduá e com ele teve dez filhos, que posteriormente se tornaram também orixás. Assim, Iemanjá é conhecida por ser a mãe de todos.

O seu nome tem origem nos termos do idioma Iorubá (língua nigero-congolesa) *Yèyé omo ejá*, que significam "Mãe cujos filhos são como peixes". É considerada a mãe de todos os adultos e a mãe dos orixás.

Conta a lenda que Yemanjá, depois de amamentar seus filhos, tenha ficado com os seios enormes e fora hostilizada por seu primeiro marido e também pelo segundo, que caçoaram do tamanho desproporcional de seus seios. A bela então se transformou em um rio que desaguava no mar. O rio que representa Iemanjá e sua história é o Rio Ogun, localizado no estado de Oxum, na Nigéria.

Iemanjá recebe muitos nomes: Dandalunda, Rainha do Mar, Janaína, Inaê, Princesa de Ayocá, Marabô, Maria, Mucunã, entre outros, e tem correspondência no sincretismo religioso com Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Piedade e com a Virgem Maria.

Para as religiões afro-brasileiras é a Soberana Rainha do mar. A que tem toda força, poder e magia. A que é o próprio mar, com suas variações: ora o mar atento, por se debruçar em ondas sobre

si mesmo, com suas belas ondas indo e vindo, mostrando para nós o quão cíclicas são as coisas. Sempre vão. Sempre voltam.

Ora outra, a tempestade, a fúria em ondas gigantescas e avassaladoras.

Sua energia é representada pela força que vem do mar: forte, algumas vezes serena, dominante. O mar que com seu sal representa purificação e limpeza e que possibilita ligações entre tudo, pois sem o sal a vida não tem tempero.

Dona dos dois polos e de pulsante vibração: a tranquilidade do mar ou as tempestades. Em sua polaridade mítica ela vai desde a guerreira e exigente mãe da maioria dos orixás até a mãe calma que acolhe, que educa, que transforma e ampara.

Iemanjá tem seu dia comemorado no dia 2 de fevereiro, em Salvador, capital do estado da Bahia, onde acontece a maior festa popular dedicada a Iemanjá. Milhares de pessoas se vestem de branco e fazem uma procissão, saindo das praias da Ribeira e que segue pelo mar até o templo de Iemanjá, localizado na praia do Rio Vermelho.

Ali, são deixados os variados presentes como perfumes, espelhos, pente, flores, bijuterias, sabonetes e alguns tipos de comida. Estes presentes enchem os barcos e são deixados em alto-mar. Os presentes são tidos como recusados quando não afundam ou quando são devolvidos à praia.

No Rio de Janeiro as festas em honra de Iemanjá se relacionam com a passagem de ano. E nas praias são celebrados cultos e rituais em que se saúda e festeja a Sereia Iemanjá.

Esses rituais se repetem em outras praias, lagoas e dentro dos inúmeros templos de Umbanda e Candomblé no Brasil. Seu dia da semana é o sábado. Suas cores representativas são o branco, o prateado, o azul e o verde

Iemanjá atua sobre a inteligência, a maternidade, a saúde mental e psicológica. É a mãe de todos os filhos, mãe de todo mundo. É ela quem sustenta a humanidade.

Ela é a Mãe também a quem recorremos por nossos amores e muito procurada pra ajudar a resolver conflitos, paixões, desejos, perto do amor, e até em alguns casos de vinganças, tudo pode ser trabalhado dentro dessa energia do mar, já que ele é multifacetado. E ela também o é, consequentemente, procurada para especiais casos de cura e limpeza.

Ela tem sempre o encanto por sobre os amores – o canto da sereia; ela entende as dores, sana feridas, liga pessoas através de seu poder, abençoa gravidezes, ou, também, desliga relacionamentos.

Iemanjá é considerada a "Afrodite brasileira". Iemanjá é a padroeira dos amores e muito solicitada em casos de desafetos, paixões conflituosas, desejos de vinganças, tudo pode ser conseguido caso ela consinta. Iemanjá exerce fascínio nas pessoas.

Tem poderes sobre todos aqueles que entram em seu domínio. Venerada e respeitada por pescadores e todos aqueles que vivem no mar, pois a vida dessas pessoas está em suas mãos; segundo a lenda é ela quem decide o destino das pessoas que adentram seu império: enseadas, golfos e baías. Dona de poderes, a tranquilidade do mar ou as tempestades estão sob o seu domínio. É a rainha de todas as águas do mundo, seja dos rios, seja do mar.

Iemanjá simboliza o espelho que reflete todas as diferenças, todas as condutas. Ela é a mãe que orienta, que mostra os caminhos, que educa, e sabe, sobretudo, explorar as potencialidades que estão dentro de cada um. E nos ensina que a guerra maior é a que travamos contra nós mesmos. Sussurra como brisa salgada vinda do mar em nossos ouvidos as respostas que sempre soubemos, mas que precisávamos ouvir.

Iemanjá tem beleza singular, tanto que sua imagem sempre é representada como mulher extremamente bela – justamente pra que entendamos o desafio do arquétipo de ser mulher e da beleza, e ainda sobre o que se difere do comum. A imagem de mulher branca e de traços europeus que foram fortemente difundidos não faz jus a Iemanjá com descendência africana: é mais uma tentativa de colonização religiosa imposta aos afrodescendentes.

Por todo seu poder feminino, saudamos a Rainha do Mar! *Odò Yiá*, minha Mãe! Salve, *Odociaba! Erù-Iyá!*

Iêda Vilas-Bôas – Escritora.

Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Escritor.

OS GRILEIROS CHEGARAM DE REPENTE

Altair Sales Barbosa

Charge: polyp.org.uk

Saindo mansamente do seu quintal, sombreado pelas mangueiras, surgia o Senhor Sizenando, dedilhando numa violinha tosca, feita por ele mesmo, e cantando uma cantiga mais ou menos assim:

Marimbondo amarelo me mordeu,
Na pestana do olho e doeu,
Nunca vi marimbondo como o teu.
É o teu ai, é o teu, teu ai.

Sizenando, um senhor octogenário, não sabia ler nem escrever, mas vivia feliz com a vida e com as sapiências que aprendeu com esta. Era carapina, pedreiro, artesão, fabricante de rapadura, açúcar mascavo, pequeno agricultor, plantava cana, feijão, mandioca, abóbora, inhame, e ainda nas horas vagas – sobrava tempo – se transformava em músico de rara sensibilidade.

Fazia seus próprios instrumentos, uma violinha, uma rabequinha, um reco-reco, um tamborzinho etc. Tudo feito com muito capricho e sabedoria, para alcançar a sonoridade ideal e desejada.

O tamborzinho, por exemplo, era feito de um galho grosso de tamboril, podado na lua nova, cuidadosamente ocado com formão e seco com a quantidade controlada de luminosidade solar. O couro, que o tampava nas duas extremidades, tinha que ser de uma fêmea erada de veado mateiro, curtido num soro especial feito da casca de barbatimão. Os amarrios deste no tronco oco eram elaborados com embira do olho do buriti, retirada na lua minguante, para não interferir na sonoridade do instrumento, e balanceada com colares de sementes do capim do brejo, habilmente perfuradas com pontas de osso.

Sizenando era um músico habilidoso, elaborava suas próprias cantigas, com letras e melodias, as quais armazenava todas na memória. Outras músicas, do seu vasto repertório, dizia ter aprendido com Zé Caetano, um cego cantador, que nos fins de semana pedia esmolas cantando e tocando rabeca nas feiras dos povoados, mas que morava num ranchinho, bem na boca dos gerais, onde vivia com uma companheira e seu fiel ajudante Zizuíno.

Sizenando gostava de alegrar os visitantes com suas músicas e seu proseado, recheado de saberes do local. Orgulhava-se da sua casa, a única das redondezas com paredes de adobe. Dizia, orgulhoso, que ele mesmo fizera os adobes e assentara as paredes.

Como também era carapina, assentou as portas e os portais de madeira rústica. Só o telhado era coberto com palmas de buriti. Casa de batente alto, abrigava, além do proprietário, a esposa, duas filhas e duas netas, que vez ou outra participavam de suas cantorias, principalmente quando executava um ritmo denominado por ele de rodada.

Sempre falava apontando para um pequizeiro dentro de um cercado:

– Tá vendo aquele pequizeiro? Pois é, quando eu morrer, quero ser enterrado debaixo da sua sombra, onde descansam minhas éguas e meus cavalos.

Eu sempre retrucava, vamos mudar de assunto, toca mais uma cantiga para nós...

Na última vez que o visitei (embora não fosse essa minha intenção), passei em sua casa para lhe dar um presente, que era uma das coisas que o deixavam bastante feliz: tratava-se de um garrafão de um vinho barato chamado Cantina da Serra, que ele sempre dizia ser uma das coisas de que mais gostava.

Logo ao chegar, notei-o meio diferente, todo entristecido e encabulado. Foi então que comentei:

– O que aconteceu, Seu Sizenando, estou notando o senhor entristecido. O que foi?

Ele então se pôs a falar:

– Mês passado, chegou por aqui, numa camionete, um homem alto com chapéu de grã-fino, trazendo quatro capangas, todos armados com espingardas. Desceu do carro e foi logo perguntando de quem eram essas terras, ao que respondi: são nossas. Ele então retrucou: "Pois fique sabendo que essas terras me pertencem". Abriu uma pasta e retirou de dentro uns papéis, dizendo: "Tão aqui os documentos, todos passados em cartório". Foi então que lhe falei: Mas meu avô nasceu aqui, meu pai também, e eu, que estou com 85 anos, sempre morei aqui. O moço da camionete parece que nada escutou, e continuou: "Não interessa, o que vale é este documento". E ainda disse: "Não quero conversa, da próxima vez que eu passar por aqui, não quero ver ninguém nas minhas terras". Depois, acelerou o carro e foi embora.

Tentei consolar Seu Sisenando, embora lá fundo eu soubesse o que estava acontecendo. Ele ainda comentou meio tristonho:

– Deve ser o tal do grileiro que o finado Zuza do Tatu de Cima falava.

Fiquei por ali mais um tempinho, me esforçando para esconder as lágrimas da minha revolta e impotência. A senhora me serviu um café, bebi e logo depois peguei o caminho de volta.

Fiquei sabendo que Seu Sizenando morreu um mês depois, de tristeza. Dizem... que sua cova foi feita debaixo do frondoso pequizeiro, mas que, passado cerca de um ano, mataram suas éguas e seus cavalos, derrubaram o pequizeiro e tudo que por lá existia foi posto ao chão. Os vizinhos se mudaram para os povoados e cidades. Da esposa, das filhas e das netas, nunca mais ouvi falar.

Os boatos e notícias que me chegam através dos amigos dizem que aquela boca de gerais se transformou numa grande plantação de soja e que as informações sobre os antigos moradores são raras e evasivas

O tempo foi passando, como as águas daquele rego que banhava o fundo do quintal da casa de Sizenando. Nunca mais voltei à região.

Às vezes, acordo no meio da noite, com os olhos marejados, sonhando com aquele local e, em meio à confusão do sonho, ainda me aparece o som daquela cantiga, embalada pelas folhas do buriti...

Marimbondo amarelo me mordeu...!

Altair Sales Barbosa - Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Presidente do Instituto Altair Sales. Pesquisador convidado da UniEVANGÉLICA – Anápolis. Pesquisador do CNPq. Conselheiro da Revisa Xapuri.

Vacina sim!
A vez é das crianças

A vacinação contra a covid-19 no Brasil avançou e vem salvando milhares de vidas! O único seguimento que ainda está completamente desprotegido é o das crianças de 5 a 11 anos. Mas isso por pouco tempo.

Mesmo com a investida negacionista de Bolsonaro, a população brasileira mostrou que atua em defesa da vida e vem apoiando a vacinação infantil sem a obrigação de prescrição médica.

É preciso que a população do DF se mobilize e exija que o governador Ibanei Rocha agilize a vacinação infantil. O início das aulas está agendado para dia 14 de fevereiro, e crianças de 5 a 11 anos são a maioria dos estudantes das escolas públicas do DF.

Escola não pode ser lugar de medo. Escola é lugar de gente vacinada, saudável e feliz!

Viver é direito de todo mundo, não importa a idade!

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE
43 ANOS
Centenário da SEMANA DE ARTE MODERNA
CUT BRASIL
CNTE

PASSOS PARA DERROTAR O FASCISMO E A POLÍTICA DO ÓDIO

Leonardo Boff

Este artigo é dedicado aos que lutam pela democracia ferida e pelo resgate da nação devastada.

Pintura: jacob lawrence

Forças políticas, inimigas da vida, se aliaram ao Coronavírus e estão favorecendo a dizimação de mais de 600 mil vidas. Seu objetivo consiste em nos conduzir aos tempos pré-modernos, desmantelando nossa cultura e nossa ciência, suprimindo direitos trabalhistas e previdenciários, difundindo mentiras, ódio covarde aos pobres, aos indígenas, aos quilombolas, aos afrodescendentes, aos homoafetivos e aos LGBTI.

Ideologicamente tais forças são ultraconservadoras com cariz nitidamente fascista. Galgaram o mais alto poder da República. O representante-mor destas forças quer, por todos os meios, mesmo ao arrepio da lei, se reeleger. Como parlamentar, magnificou torturadores e defendeu ditaduras. Como chefe de Estado, foi leniente com as grandes queimadas da floresta amazônica, com os madeireiros e com a intrusão das mineradoras e do garimpo, inclusive em terras indígenas. Cometeu crimes contra a humanidade por seu negacionismo em relação aos imunizantes do Covid-19 e se mostrou insensível e sem nenhuma empatia face ao sofrimento das milhares de famílias enlutadas e aos milhões de desempregados e famintos.

Infelizmente constatamos a fragilidade, até a omissão de nossas instituições oficiais ou jurídicas e a baixa intensidade de nossa democracia que, medida pela justiça social e pelo respeito aos direitos, parece antes uma imensa farsa oficial. Nada ou pouco se fez para afastar esta figura sinistra, autoritária e fascistoide. Não lhes é permitido assistirem, impassíveis, ao esfacelamento populacional, cultural, político e espiritual de nosso país.

Face a esta tragédia histórica, precisamos, pela via eleitoral, frear a pulsão de morte, presente no poder Executivo e em seus auxiliares. Impõe-se infligir uma derrota eleitoral fragorosa a este que se mostrou insano, indigno, malévolo e incapaz de governar o povo brasileiro. Ele merece ser, legalmente, varrido da cena política e pagar por seus crimes, para que, enfim, possamos viver com um mínimo de desenvolvimento justo e sustentável, com paz social, com franca alegria e com felicidade coletiva.

Para concretizar esta diligência política e ética, nos limites da Constituição e da ordem democrática de direito, importa, ao meu ver, percorrer os seguintes passos:

Primeiro, garantir, se possível, já no primeiro turno, a vitória para presidente de alguém com carisma, com confiança das grandes maiorias e com capacidade de nos tirar do poço escuro no qual fomos lançados. Ele já mostrou anteriormente que é capaz de realizar esta redenção. Não carece revelar seu nome, pois já despontou, vitorioso, nas pesquisas eleitorais.

Segundo, não basta eleger um presidente com tais características. É fundamental garantir-lhe uma bancada parlamentar numerosa para que o presidencialismo de coalizão não comprometa os ideais e propósitos, presentes nas origens e resgatáveis, como a opção por políticas sociais que atendam às grandes maiorias empobrecidas e oprimidas, com transparência, com a ética da solidariedade a partir dos mais vulneráveis e com soberania ativa e altiva. Fazer alianças com partidos afinados com propósitos sociais e populares. Igualmente é importante garantir a eleição de governadores e, a seu tempo, de prefeitos e de vereadores que nas regiões e na base deem sustentação ao governo central com sentido de justiça social e de cuidado da vida do povo e da natureza.

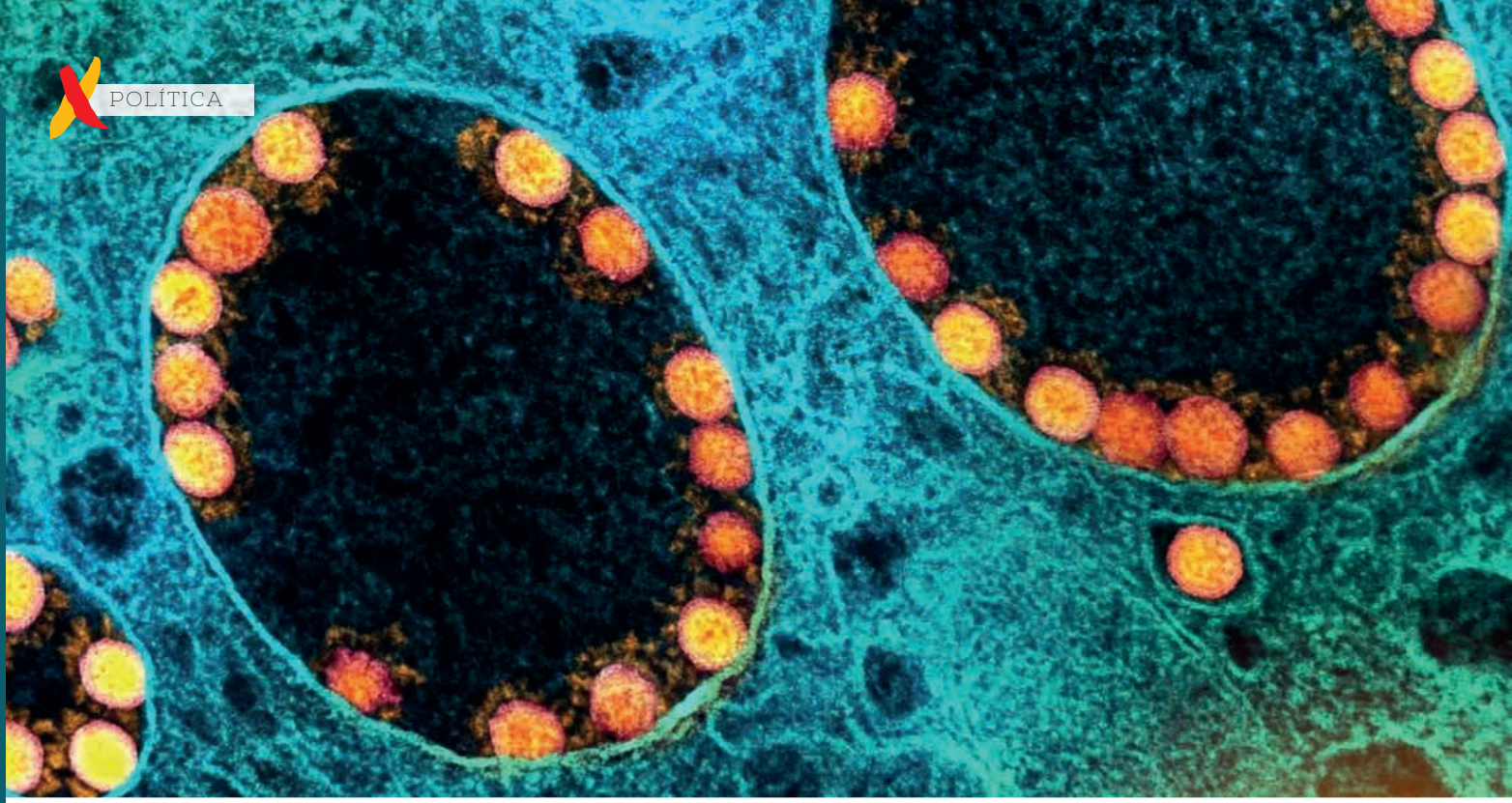
Terceiro, – o mais importante – reforçar e, onde for preciso, retomar o trabalho de base, organizando comitês populares de toda ordem, para que participem e se articulem com as organizações já existentes como da saúde, da educação, da igualdade de gênero e de outros, criando consciência cidadã. Não basta garantir a inserção no sistema vigente, perverso e antipopular, mas criar consciência mudancista, apontando para um outro tipo de sociedade com democracia participativa, social e ecológica.

Esse trabalho de base é imperativo se quisermos criar as condições para uma transformação que vem de baixo e criar movimentos progressistas e libertários que traduzem os sonhos em práticas viáveis e cotidianas.

É nesse nível, rés-do-chão, que começa a se ensaiar o novo e se alimenta a energia necessária para continuar a refundação de um novo Brasil, contra o prolongamento da dependência histórica, contra o vira-lata, presente nas elites do atraso e contra o oligopólio dos meios de comunicação, braço ideológico da classe dominante, herdeira da Casa grande.

Estamos convencidos de que este sofrido caos destrutivo irá passar e será transformado em promissor caos generativo de uma nova ordem, mais alta, mais justa, fraterna e cuidadora de toda vida: enfim, de um Brasil no qual teremos alegria de viver e conviver com justiça, onde será mais fácil a amorosidade e a jovialidade que caracterizam o melhor de nós mesmos.

Leonardo Boff – Ecoteólogo. filósofo e escritor e escreveu: Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência, Vozes, 2018; Habitar a Terra qual o caminho para a fraternidade universal? Vozes, 2021.Shape



DUPLA RESSACA DE *RÉVEILLON*

Carol Proner

Passada a euforia do Ano Novo, especialmente comemorado por aqueles que vislumbram a derrota do fascismo em 2022, iniciamos a semana com o duplo efeito *Réveillon:* por um lado, a ressaca do aumento de contaminações por Covid e, por outro, a percepção de que serão 10 longos meses até a chegada da primavera e o início da reversão do quadro político.

A passagem do ano celebrou a esperança. Longe do frenesi das pautas parlamentares e da agenda política, trouxe a falsa sensação de trégua, de que o pior já passou, mas a impunidade garantida ao genocida custará mais um ano de mortes e de destruição ao país.

O aumento exponencial da contaminação por Covid e as ameaças da variante ômicron auguram contenções e renúncias, ameaçando os planos de um novo normal na vida cotidiana. E tudo isso agravado pelo comportamento negacionista de um governo preservado pelo pacto jurídico-político do "deixa-disso", ajustado na crise do último 7 de setembro.

Não se quer, com essas memórias, estimular o pessimismo ou o desânimo. Ao contrário. Em um país tão golpeado como o nosso, o sentimento de esperança celebrado no Ano Novo precisa vir acompanhado de uma estratégia e de um plano de ação.

Não nos é permitido o direito à distração, menos ainda à ingenuidade. É preciso observar, com realismo e cuidado, que as forças políticas neoliberais, aliadas à grande mídia, escolhem apoiar qualquer governo que garanta seus interesses imediatos e não há pudor nessa escolha.

Para o mercado financeiro e a mídia hegemônica associada ao capital internacional, as mortes por Covid e a destruição das condições de desenvolvimento de um país são efeitos colaterais de uma guerra contra a perdulária democracia. Lula e um projeto de Brasil-Nação são alvos nessa guerra e as eleições de 2022 são apenas a batalha final.

Portanto, neste momento em que as estatísticas de contaminação voltam a ser alarmantes e que estamos tão distantes da retomada democrática, é preciso pensar e planejar. Ajustes políticos arrematados nas casas de veraneio por todo o país têm como premissa, entre outras estratégias, o esquecimento dos sucessivos golpes e traições sofridos desde 2013, passando por impeachment farsesco, lawfare e lavajatismo aliado ao fascismo no poder.

O "deixa-disso" tem exigido, em nome de aliança para garantir governabilidade, o esquecimento como ponto de partida. No país dos pactos de silêncio, nada mais significativo.

Carol Proner – Doutora em Direito. Professora da UFRJ. Diretora do Instituto Joaquín Herrera Flores – IJHF. Matéria publicada originalmente no Brasil 247.

PARA NÃO "BOBEAR"

Clarice Lispector

Clarice Lispector – Escritora, em *Só para Mulheres – Conselhos, Receitas e Segredos*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco, 2006.

Quando você era criança, nunca leu a história de uma princesinha linda, linda, mas – por maldição de fada ruim – que não abria a boca sem que desta lhe saísse sapos, lagartos e ratinhos?

Pois o modo moderno de saírem "cobras e lagartos" da boca linda de uma jovem é o de dizer muita bobagem com os lábios perfeitamente maquiados. Só que isso não acontece por maldição de fada ruim, e sim por ignorância, por falta de instrução. Uma dessas "princesas" modernas, ouvindo uma conversa sobre Hemingway, perguntou: "Qual o filme em que ele trabalhou?"

Ler é um hábito que todo mundo devia ter. Não se quer dizer com isso que todos leiam "coisas difíceis". Mesmo uma revista bem-informada – e bem lida – pode ser uma fonte de culturazinha que pelo menos evita "cobras e lagartos".

Saber e cuidar

DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA A AIDS | 1º DE DEZEMBRO

Faça o teste de HIV! Quanto antes você souber, mais cedo você poderá iniciar o tratamento e proteger a sua saúde.

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação Brasil
® www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL

Internacional da Educação

CEA

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

XAPURI
CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **210**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **270**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**